

ESFERA

pag 425

25,88029

1948

Dezembro, 1948 -- Natal -- Numero 19

Instituto de arte contemporânea



S. Castello Branco
Natal de 48

E. P. SIGAUD

ARQUITETO E PINTOR

Avenida Presidente Vargas, 149 - 10.º - sala 18.
Telefone: 23-0417. Residência: Rua Humaitá, 187 -
ap. 2. - Telefone: 26-7654.

RIO DE JANEIRO

ADO MALAGOLI
ARTISTA - PINTOR

Laureado no Salão Nacional de Belas Artes. Prêmio
de Viagem ao Estrangeiro (México, Estados Unidos,
Canadá).

Atelier: Rua Valparaíso, 19. Tijuca. Residência: Rua
Barata Ribeiro, 23 - ap. 11. - Copacabana.

RIO DE JANEIRO

RAUL DEVEZA
ARTISTA - PINTOR

Professor de Pintura. Laureado no Salão Nacional de
Belas Artes.

Residência: Rua Gcspar, 56. Engenho de Dentro.
Telefone: 29-3766. Atelier: Rua da Quitanda, 25.

RIO DE JANEIRO

JOAQUIM TENREIRO
ARTISTA - PINTOR

Hors-Concours no Salão Nacional de Belas Artes.

Residência: Rua Barão de Guaratiba, 244.

Telefone: 45-3229
RIO DE JANEIRO

HAYDEÁ SANTIAGO
MANOEL SANTIAGO

ARTISTAS - PINTORES

Residência e Atelier: Rua das Laranjeiras, 34 - ap. 2.

Telefone: 25-2303
RIO DE JANEIRO

HILDA E. CAMPOFIORITO
ARTISTA - PINTORA

Laureada no Salão Nacional de Belas Artes. Cursos
de Pintura - Desenho - Gravura - Cerâmica.

Atelier: Rua Muniz Barreto, 44 - ap. 201. Botafogo.

RIO DE JANEIRO

Residência: Rua Mem de Sá, 24. Telefone: 4714.

NITEROI — ESTADO DO RIO

PAULO WERNECK

MOSAICO - PINTURA - ILUSTRAÇÃO

Atelier: Rua Soares Cabral, 26 - ap. 204. Laranjeiras.

RIO DE JANEIRO

ELSE WEDEGE AREDE
ARTISTA - PINTORA

Hors-Concours no Salão Nacional de Belas Artes.
Cursos de Cerâmica e Pintura sobre Porcelana em
Pequenas Turmas.

Fornece material especializado.

Endereço: Avenida Copacabana, 195 - ap. 23.

Telefone: 37-1677.

RIO DE JANEIRO

JORDÃO DE OLIVEIRA

ARTISTA - PINTOR

Paisagens - Retratos - Restaurações

Endereço: Rua Bojuru, 205. Ilha do Governador.

Telefone: 452

RIO DE JANEIRO

QUADROS

HILDA CAMPOFIORITO, LUIS SANTOS, E. P.
SIGAUD, JOAQUIM TENREIRO, BUSTAMANTE
SA, SILVIO PINTO, DURVAL SERRA,
e muitos outros.

Galeria de ESFERA

Av. Graça Aranha, 19, 3.º — Grupo 301

ODETE BARCELOS
ARTISTA - PINTORA

Premiada no Salão Nacional de Belas Artes.

Residência: Rua Maria Eugênia, 77.

Castelo - Corcovado.

RIO DE JANEIRO

BUSTAMANTE SA

ARTISTA - PINTOR

Atelier: Rua São José, 11 - 2.º - s. 20. Telefo-

nes: 49-5243 e 43-8145.

RIO DE JANEIRO

SILVIO PINTO

ARTISTA - PINTOR

Atelier: Rua São José, 11 - 2.º - s. 13.

Telefone: 43-8145.

RIO DE JANEIRO

PINTURAS GERAIS
ANGELO AUGUSTO

PINTOR

Especialidade em serviços de Esmalte, Grafite
e Plastex.

Pinturas Modernas e Decorações de Interiores em
Escritórios, Apartamentos e Residências.

Rua Assunção, 88 — Botafogo — Tel.: 26-0358.

RIO DE JANEIRO

DR. HENRIQUE

BASILIO

RAIOS X

AV. NILO PEÇANHA, 155

9.º ANDAR — SALA 902

— Telefone: 42-4545 —

DR. MOISÉS

FISCH

ESPECIALISTA — VIAS URINA-
RIAS — DOENÇAS DE SENHO-
RAS — CIRURGIA — DISTUR-
BIOS SEXUAIS — SIFILIS —
ONDAS CURTAS — TRATAMEN-
TO RÁPIDO E MODERNO.

CONSULTÓRIO: ASSEMBLEIA, 98,
7.º andar — EDIFÍCIO KANITZ
— TELEFONE: 22-1549 — DIA-
RIAMENTE DAS 11 AS 17 HS.

SUZANA MARTINS
BRITO

CIRURGIÁ-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I, 23 — S. 24

Telefone: 22-5380

Diariamente, de 8 às 11 e

de 14 às 19 horas

RIO DE JANEIRO

Literatura

REVISTA MENSAL

CONSELHO DE REDAÇÃO:

ALVARO MOREIRA, AN-
NIBAL MACHADO, AR-
THUR RAMOS, GRACI-
LIANO RAMOS, MANUEL
BANDEIRA, ORIGENES
LESSA

Diretor responsável:

Astrojildo Pereira

Secretário:

Jorge Medauar

Os direitos autorais das
colaborações publicadas
nesta Revista são pagos
na Tesouraria da
ABDE.

Assinaturas:

12 números - Cr\$ 50,00

N.º avulso .. Cr\$ 5,00

N.º atrazado - Cr\$ 8,00

Redação e Administração:

Rua México 41, 5.º, s. 508

RIO DE JANEIRO

pag. 4 e 5, 25
28+29

ESFERA

N. 19

DEZEMBRO

1948

SUMARIO

O HOSPEDE DA NOITE DE NATAL, Selma Lagerlof	4
ULTIMA CARTA DE PERO VAZ, Anibal Machado	6
O QUE VI NO MUNDO CONTRA FRANCO, Edmar Morel	8
BENTO DE JESUS CARACA, J. Delgado Oliveira	12
NATAL NA TCHECOSLOVAQUIA, Zora Seljan	13
ZEZA, Joaquim Tenreiro	14
SAUDAÇÃO DE NATAL, Chagall	16
TAMBEM FALAREI DE NATAL, Eneida	17
NATAL, Maura de Sena Pereira	18
ELA ERA DOCE E HUMILDE, Dostoiowski	20
IPASE	23
SALÃO — 1948, Silvia	24
CRÔNICA DA VIDA CULTURAL PORTUGUESA	26
MARIA DA LUZ, CORAÇÃO DE PORTUGAL, Maria Clara	29
LIVROS	31

Capa de SANSÃO CASTELO BRANCO

ILUSTRAÇÕES: Aldo Bonadei, Ivan Serpa, J. Moraes,
Paulo Werneck, Poty, Quirino Campofiorito, Rubens
Auto e outros.

ADMINISTRAÇÃO — Diretor Responsável: Silvia de
Leon Chalrezo. Gerente: Aureo Otomi de Mendonça Ju-
nior. Redator-Chefe: Dias da Costa. Secretário: Maura
de Sena Pereira. REDAÇÃO: Av. Graça Aranha, 19 —
Edifício Inconfidentes — Grupo 301 — Sala 111. Rio de
Janeiro. ENDEREÇO — Caixa Postal 2013. Rio de Ja-
neiro. OFICINA — "Vida Turfista" — Rua Sacadura
Cabral, 183. Rio de Janeiro. PREÇO — Cr\$ 2,00.
Número atrazado Cr\$ 3,00. — Em Portugal 4\$00.

A colaboração remetida sem solicitação não implica em qual-
quer compromisso de devolução de originais. A Redação não se
responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

ESFERA É UMA REVISTA DA
EMPRESA DE LEITURA E PUBLICIDADE LIMITADA

CR\$ 2,00

O Hospede da Noite de Natal

Conto de Selma Lagerlof

Ilustrações de Ivan Serpa



Há muito tempo, um grupo de boêmios e de artistas havia encontrado refúgio numa velha mansão da província de Varmland e, sob o nome de cavaleiros de Ekeby, viveram ali uma vida desenfreada de divertimentos e aventuras.

Um deles chamava-se Ruster e era um jovem músico que tocava flauta.

De origem humilde, pobre, necessitando de um lar e de família, conheceu tempos muito duros quando aquele alegre bando se dispersou. Já não tinha cavalo, nem carros, nem pelica, nem um bom cesto carregado de provisões. E teve de ir a pé de casa em casa, com uma trouxa na mão, a roupa embrulhada num lenço, para melhor dissimular o estado do colete e da camisa. Trazia toda a fortuna nas algibeiras: uma flauta desarmada, uma cabaça de aguardente e a pena de escrever.

Se os bons tempos não tivessem mudado, um copista de música como ele não teria mãos a medir, mas, ai! a gente de Varmland se desinteressava cada vez mais das melodias e das lindas árias. Dependuravam nos celeiros as guitarras, com as suas fitas desbotadas e as cravelhas já gastas, bem como as buzinas de caça,

com as borlas meio desfiadas, e o pó amontoava-se em camadas espessas sobre a caixa dos violinos. E, à medida que a flauta e a pena de Ruster trabalhavam menos, a garrafa que nunca o abandonava, trabalhava mais. Tornou-se um bêbedo incorrigível. Embora fosse recebido como um velho amigo, a sua chegada produzia uma certa contrariedade, e a sua saída, alegria. Estava sempre cheirando a álcool, que exalava de todos os poros, e logo ao segundo ponche, os olhos já turvos, entabolava as conversas mais desagradáveis. Era o eterno pesadelo das casas hospitaleiras.

Dias antes do Natal, chegara a Lofdala, onde vivia o grande violinista Liliécrona, que fora também cavaleiro de Ekeby e um dos mais entusiastas daquela vida desregrada. Depois Liliécrona voltara para junto da família, e nunca mais a deixou. Quando Ruster lhe apareceu pedindo trabalho, no meio de toda a azáfama para os preparativos da festa, Liliécrona deu-lhe alguns trechos de música para copiar.

— Terias feito melhor se o tivesses deixado ir — disse-lhe a mulher; — vai prolongar o seu trabalho de tal forma que seremos obrigados a tê-lo conosco durante o Natal.

— Em alguma parte há de passá-lo — respondeu Liliécrona.

E ofereceu de beber a Ruster, fazendo-lhe companhia e recordando os seus dias de boemia. No fundo, a convivência de Ruster incomodava-o um pouco e entristecia-o, mas nada queria dizer porque, para ele, as recordações de velhos amigos e os seus deveres hospitaleiros eram coisas sagradas.

Havia três semanas já que, na casa de Liliécrona, se faziam preparativos para a festa do Natal; havia três semanas que tudo andava numa roda-viva, numa atividade febril. Os olhos já estavam vermelhos e cansados de fabricar tanta vela, as mãos geladas de tanto bater cerveja no lavadouro, e, lá em

baixo, na tenda das provisões, não se parava um instante de salgar carne e de fazer salsichas. Mas tanto os criados como a dona da casa suportavam, sem resmungar, aquele acréscimo de trabalho, porque sabiam que, finda a tarefa e chegada a noite santa, ia baixar do céu um suavíssimo encanto que abençoaria a todos: que as graças e os ditos alegres lhes saltariam naturalmente dos lábios, os pés iriam ganhar asas nas danças da terra e as antigas árias e as velhas modas esquecidas irromperiam dos recantos mais escuros da memória. E que alegres se sentiriam então!

Mas, quando viram chegar o jovem Ruster, tanto a dona da casa, como as criadas e as crianças, todos pensaram que ele lhes vinha estragar a noite de Natal.

A presença de Ruster pesava-lhes no coração. Receavam que Liliécrona, ao impulso de lembranças revolidas, sentisse despertar a sua vocação nômada e que o grande violinista, que outrora não podia estar muito tempo ao lado dos seus, se perdesse novamente para a família. E como se fizera amar naqueles dois anos que tiveram a felicidade de o possuir! Dava-se a todos, era a alma da casa, sobretudo na Noite de Natal. Sentava-se então perto da lareira, não no sofá ou na cadeira de balanço, mas num grande banco, já poído pelo uso e pelos anos, umas vezes contando histórias, ou



tras, executando música, no meio de toda a família atenta; pendente dos seus lábios e dos gestos, corria às aventuras mais loucas e galopava através do mundo até às estrelas. E a vida se fazia grande, formosa e rica perante a irradiação daquela alma. Amavam-no assim como se ama a noite de Natal, como se ama o sol e a primavera. Mas a presença do jovem Ruster vinha-lhes comprometer a festa. Todas as suas canseiras para nada serviriam se o espírito do dono se afastasse de casa. E, depois, quem podia olhar com calma para aquele bêbedo sentado à mesa no meio da família honrada e piedosa, cuja alegria ele estragava?

Na véspera de Natal, pela manhã, Ruster tinha acabado de copiar a música. Falou vagamente em partir, embora tivesse intenção de ficar. Sob a influência da má vontade geral,

Liliécrona respondeu, em termos também vagos, que talvez Ruster fizesse melhor em passar o Natal onde estava. Mas Ruster era orgulhoso e suscetível; retorceu os bigodes e sacudiu os cabelos que se lhe erguiam sobre a cabeça como uma nuvem negra. Que queria dizer Liliécrona? Acaso ele, Ruster, estaria incomodando? Em todas as casas de ferreiro da região o esperavam com a cama feita e o copo cheio. Tinha tanto trabalho e tantos convites que não sabia por onde começar.

— Muito bem, — disse-lhe Liliécrona — não te reterei.

Depois do almoço, o jovem Ruster pediu uma pelica e uma pele emprestadas, mandaram atrelar um trenó e recomendaram ao criado que devia conduzi-lo, que fugisse bem o cavalo, porque ameaçava nevar.

Ninguém ali acreditava que

Ruster fosse gostosamente recebido debaixo de qualquer teto; mas afastavam de si aquele pensamento desagradável, regozijando-se por se verem livres de tal personagem.

— Quis ir-se embora — diziam — ninguém o obrigou. E, agora, alegremo-nos.

Todavia, quando, por volta das cinco horas, se reuniram em torno da árvore para dançar, Liliécrona, preocupado e taciturno, não se sentou sobre o escabelo maravilhoso nem tocou na tigela do ponche. Não se recordava da menor dança e o seu violino não estava afinado. Teriam de cantar e dançar sem ele. Então a mulher ficou inquieta e as crianças começaram a dar mostras de agitação. Tudo correu mal: o serão de Natal foi um fracasso completo. O arroz pegava-se ao fundo das caçarolas e as candeias espirravam e cus-

(Continua na pág. 30)

Ultima Carta de Pero Vaz

Poema de ANIBAL MACHADO

Ilustração de POTY

Digo a vosmocê que no fim da planície há um gigante fumegando,
uma viuva sem consôlo e um pássaro conversível.

Debaixo das árvores
os suicidas vomitam o retrato da amada,
os bichos roem o código das águas.

No caminho do mar as pedras não respondem.

Vive-se a combinar a linguagem dos homens
com os traços imerecidos
de sua sombra na poeira.

Nas grandes linhas adutoras
passam fora do horário invisíveis cavalos.

Aqui não é segredo
que por elas fugiram os principais culpados
do crime ao crepúsculo.

Há no solstício do verão
umas prateleiras de luz se desarmando no céu.

Há na posta restante um ventre de mulher com o sobrescrito apagado.

São tão compridas as distâncias que se faz no horizonte o acôrdo
entre o cavalo

e o jóquei,
entre o jóquei e o vento.

Há um violão escondido na garoa.

E uma moça fugindo dentro do violão. Seus brincos são dois ninhos de
passarinho.

Há um foco de generais

ao pé de uma ~~bandeira~~ ^{gato} ~~negativa~~ ^{da festa}, Liliécrona deu ~~se despertar a sua~~ ^{made} e que o grande violinis

Os números de um cálculo abandonado
organizam debaixo das areias
uma colônia de formigas.

Há um cassino - iceberg
que desce devagar para os mares do sul.

Há uma nuvem em aparelho de gesso.

Diversas virgens coloridas
encontradas gemendo sob o cascalho de aluvião.

Há um som corrosivo de sino
atacando os profetas de pedra.

Há uma planície em disparada
com os bois fora do prumo.

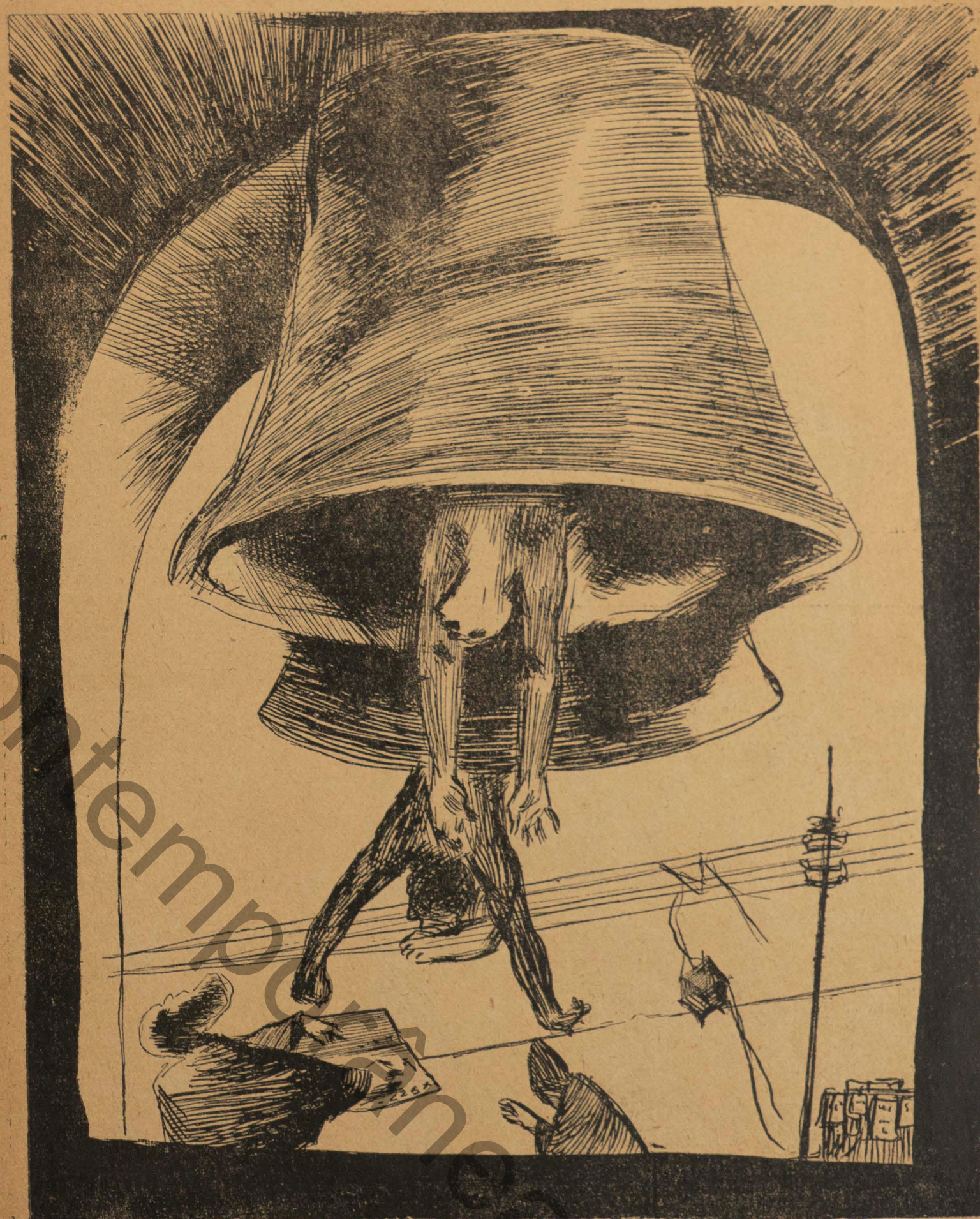
Há um sol de metamorfoses.

Um rio morrendo de cansaço.

Navios de sombra
a navegar pela floresta.

Procurando-se bem, há ainda
uma coluna de vapor e pasmo
que vem subindo há milênios.

E há a vida em geral
que é servida e ninguém quer.



O que vi no mundo contra Franco

PRISÕES E FUZILAMENTOS EM MASSA E A PROLIFERAÇÃO DE JORNAIS E ESTAÇÕES DE RADIOS CLANDESTINOS

A inteligencia reage — Os guerrilheiros de Levante e Aragon — Dando cabo da Guerra Civil — Os ingleses e os seus cuidados com o Ocidente

Por EDMAR MOREL



Jornais legais na luta passada. Jornais clandestinos na luta de hoje.



Lutando ontem, lutando sempre. A leitura dos jornais na hora da comida.

— Que viu você na Espanha?

— Quase nada, meu amigo.

Explico como cheguei e saí de Madrid, sem deixar o aeroporto, a despeito do meu passaporte estar perfeitamente em ordem. Note-se que o embaixador do Brasil na Espanha, sr. Vasco Leitão da Cunha, estava no aeródromo à espera de um amigo que viajou no mesmo avião em que embarquei em Roma. Franco não permite a entrada de nenhum jornalista que esteja ligado ao Movimento Democrático, que tem sede em Paris e ramificações no mundo inteiro. O seu serviço de informações, feito pelos chamados Adidos Culturais e de Imprensa, dão notícia de tudo, sobretudo dos estrangeiros ligados aos espanhóis, irmanados na peleja contra Franco, rebatalho do nazismo apoiado pelos ingleses, sob a justificativa imbecil de preservar o Ocidente do comunismo...

Poderei, entretanto, dizer o que vi e ouvi contra Franco na América, na Europa e na Ásia. Na Argentina, por exemplo, a despeito da profunda afinidade entre Evita e Juan Peron e "El-caudilho" e das relações políticas entre os dois países, grandemente facilitadas por um idioma comum, o povo argentino é contra Franco, cujo porta-voz em Buenos Aires, longe de ser o seu embaixador, é o conhecido senador Manuel Fresco. No Uruguai, país essencialmente democrático, a repulsa é maior, sendo frequentes os comícios e conferências no Silogeu, pedindo o rompimento de relações. O Silogeu é a tribuna livre da América e que dá guarida a todos os refugiados do Universo, sem distinção de credos políticos ou religiosos.

Na Itália e na Turquia funcionam inúmeros "Comitês Pró-Libertação do Povo Espanhol" entrosados com Comitês



Sentinelas da República, para a causa da paz, num mundo melhor.

de países da Europa Ocidental. O grande centro de Resistência a Franco, porém, tem sede em Paris, com um governo. É simplesmente impressionante a luta democrática dos espanhóis em França, a grande maioria constituída por intelectuais e operários.

Franco condena à prisão perpétua, e fuzila, diariamente, legiões de patriotas. As estatísticas anunciam a existência de 125.000 presos políticos inclusive 25.000 mil mulheres e crianças.

A situação é trágica, a ponto da revista norte-americana "Newsweek", de 29 de novembro de 1948, afirmar:

"Cidadãos americanos, residentes na Espanha, quando consultados, concordaram em que as perseguições políticas diminuíram consideravelmente durante estes últimos três anos. As execuções por crimes políticos nos anos 1940-1943 eram numa média de 50 por dia. Durante os primeiros 10 meses do corrente ano foram executadas

40 sentenças à morte. Muitos prisioneiros políticos obtêm a liberdade condicional depois de cumprir uma parte de suas sentenças. As pessoas sujeitas a liberdade condicional ou seja a chamada "liberdade vigilada" constituem 20 por cento da população da Espanha".

A onda de terror aumenta do dia para a noite. Mas de minuto a minuto crescem as manobras militares dos admiráveis guerrilheiros de Levante e Aragon, nas províncias de Teruel, Cuenca, Valencia, Galicia, Asturias, Cataluna, Castellón, Terragona e outras onde são rechassados os grupos da Guarda Civil, a tropa de elite da Falange, constituída por salteadores de estrada e egressos do crime. Dentro da Espanha, onde toda e qualquer manifestação de liberdade é sufocada a sangue, circulam inúmeros jornais clandestinos, entre eles:

"Liluita", em Barcelona, do Partido Socialista Unificado de Cataluna; "Trellal", em Bar-

celona, da União Geral dos Trabalhadores de Cataluna; "Democrito", de Valença, da União dos Intelectuais Livres; "República" (lugar ignorado), da Agrupação de Forças Armadas da República Espanhola; "El Socialista", em Madrid, do Partido Socialista; "Mundo Obrero", em Madrid, do Partido Comunista; "Verdade", em Valencia e "Nuestra Bandeira", em Alicante, do Partido Comunista; "C.N.T.", em Barcelona, da Confederação Nacional do Trabalho; "El Guerrillero", da Galicia, da Agrupação Guerrilheira da Galicia; "Ofensiva", em Levante, da Agrupação Guerrilheira do Levante.

São publicados, ainda, outros periódicos e boletins em várias províncias pertencentes a diversas organizações da Resistência Democrática, predominando as publicações dirigidas por universitários.

No estrangeiro, por sua vez, os exilados publicam os seguintes jornais:

"La Verdad de España" e

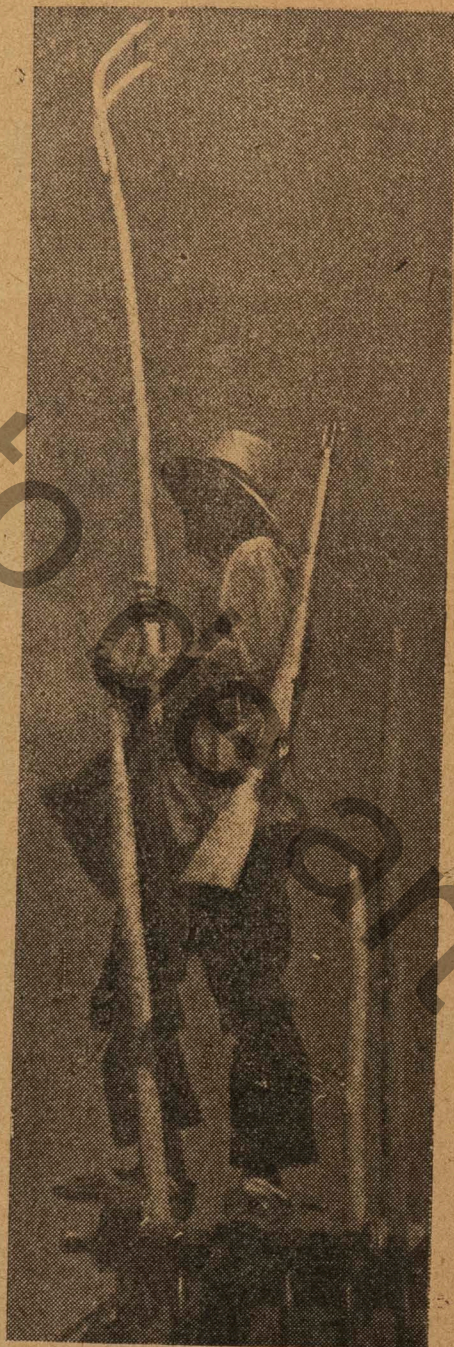
"Germanor", no Chile; "Pueblo Español", "España Republicana" e "Euzko Deya", na Argentina; "España Democrática" e "Lealtad", no Uruguai; "España Republicana" e "Unidad", em Cuba; "España Popular" e outros no México; "España Libre" e outros nos Estados Unidos. Na França circulam regularmente: "Mun-

do Obrero", "El Socialista", "Lluita", "Juventud", "Mujeres", "Galiza" e outros de diversos partidos e organizações, assim como várias revistas e publicações de intelectuais, profissionais, científicas, etc.

Os desterrados têm até emisoras, sendo que a Rádio da Espanha Independente transmite todos os dias, das 16,30 às



Quando as mulheres pegam em armas, a pátria corre perigo e precisam defender seus filhos.



Cuidavam da terra, de armas na mão!

19,30 — Hora do Brasil — na onda 25,5 metros. A outra estação de rádio é a Euzkadi, do governo autônomo basco.

Franco fuzila patriotas e enche os cárceres de presos políticos, aprisionando a fina flor da Espanha, em todos os seus setores. Mas Franco não consegue evitar a propagação da luta democrática no mundo inteiro, num despertar de consciências, num toque de reunir à união de todos os espanhóis para a marcha contra Madrid. A Bastilha era mais forte e caiu.



Os republicanos na sua guerra contra as forças agressoras, defendiam o patrimônio artístico de sua Pátria, salvando as obras de arte que veneravam. Nossa gravura mostra algumas estátuas retiradas de uma igreja em ruínas e levadas para o Museu Nacional de Barcelona.

BENTO DE JESUS CARAÇA

J. DELGADO OLIVEIRA

Morreu o Professor Bento de Jesus Caraça. Desapareceu para sempre uma das maiores figuras nacionais, como professor, como homem de ciência e, acima de tudo, como cidadão!

Professor de uma Escola Superior, mas antes de tudo professor, na mais nobre acepção da palavra — que o foi e continuou a ser apesar de todas as limitações, — dotado de notabilíssimas qualidades pedagógicas e invulgares dotes de cientista, este Homem superior compreendeu bem cedo que essas qualidades não o dispensavam dos seus deveres de cidadão consciente, antes pelo contrário lhe criavam ainda mais responsabilidades sociais, que ele nobremente nunca regeitou.

Nesta época em que se enfrentam dois grandes grupos sociais, um representando o passado e outro levando em si o futuro da Humanidade, Bento Caraça soube compreender o grande drama dessa luta; mas não se limitou a compreender, como tantos outros, antes levou essa compreensão às últimas consequências, numa ligação dialéctica da teoria e da prática, tomando uma posição nessa luta — posição que, como homem honesto que era, só podia ser do lado do progresso, do lado do futuro. E ao fazê-lo não traiu a sua missão de professor, antes pelo contrário, cumpriu-a em toda a sua amplitude. Que o professor — o verdadeiro educador — não é aquele que se reduz a transmitir, ainda que bem, os conhecimentos científicos ou técnicos que adquiriu ou mesmo contribuiu para criar. Não! Esse é, quando muito, um bom profissional. O verdadeiro professor é aquele que junta à competência profissional uma consciência esclarecida do seu tempo, à sua ação pedagógica e científica, uma ação formativa sobre os seus discípulos, à sua atividade como profissional, a sua atividade como cidadão progressivo ao serviço do seu Povo e da Humanidade. Não pode o Professor esquecer estes dois aspectos da sua missão, sob pena de traição aos seus mais elementares deveres.

A atitude total do professor Caraça tem tanto mais valor quanto nos assistimos, revoltados e humilhados, à deserção de muitos intelectuais — e principalmente professores universitários — perante esses mesmos deveres, julgando ou fingindo julgar que o facto de serem professores os dispensa de serem homens, servindo-se da sua qualidade de professores para fugir às suas responsabilidades de cidadãos, enfim, servindo-se da cultura como um alibi que esconda a sua cobardia, nuns, o seu reacionarismo, noutros. Não! A verdadeira cultura, antes pelo contrário, é um incentivo e um guia para a ação esclarecida em prol do progresso!

Como professor, pode afirmar-se sem medo de desmentido — os seus antigos alunos podem testemunhá-lo, — que foi dos mais completos que têm passado pelas Universidades Portuguesas, tão lamentavelmente pobres de verdadeiros professores.

Como cientista, a sua ação foi daquelas que ficam marcadas na história da nossa cultura. A atividade profissional do cientista — como aliás qualquer outra — não pode desligar-se das condições do meio em que se desenvolve. E é tanto mais útil e profícua quanto mais se adapta às necessidades mais urgentes desse meio. O nosso povo, analfabeto ou semi-analfabeto na sua grande maioria, tem um nível cultural dos mais baixos da Europa; o nível científico e técnico das camadas chamadas cultas como não podia deixar de ser, é baixíssimo em relação ao já atingido em todo o mundo. Nestas condições, qualquer atividade cultural no nosso país só será profícua e eficiente se for dirigida no sentido de elevar imediatamente esse nível geral; em particular, a atividade científica e técnica só terá real valor humano — o único que vale — se começar por contribuir eficazmente para a elevação urgente e imediata, desse nível geral até aquele ponto a partir do qual já se pode, com utilidade e segurança, iniciar um trabalho original de contribui-

ção para o património científico da Humanidade.

Bento Caraça teve a consciência dessas condições próprias do meio em que tinha de atuar e, como sempre, essa consciência determinou a sua atitude: embora dotado de raras qualidades de investigador, sacrificou as contribuições originais que possivelmente poderia dar à Matemática, e dedicou-se acima de tudo a uma valiosíssima obra pedagógica — no campo científico — e a uma não menos valiosa obra de divulgação — no campo da cultura geral. Atitude clara e consciente, ao serviço das mais urgentes necessidades do Povo Português, contrastando com a de investigadores "à outrance", cientistas "puros" que afinal não são mais do que instrumentos, embora muitas vezes inconscientes, de um estado de coisas a que convém o cientismo "puro", isto é, desligado da realidade objectiva, como meio de conservar as massas afastadas da cultura, reservada assim para uma pretensa elite de escolhidos. Quando se fizer a história da cultura em Portugal, Bento Caraça ficará como o Homem que mais valiosamente contribuiu nesta vintena para a elevação do nível cultural do nosso povo; quando se fizer a história da cultura matemática em Portugal, Bento Caraça ficará como um daqueles que mais contribuíram para a elevação do nível de todos os que estudaram matemática nestes últimos anos. Enquanto que aqueles que egoisticamente se dedicavam a uma obra individual desligada das necessidades mais urgentes do nosso povo, ficarão, se ficarem, ligados a mais um teorema ou a mais uma demonstração que mais tarde ou mais cedo serão esquecidos! Enquanto que Bento Caraça terá o reconhecimento de todos os portugueses conscientes e viverá no coração dos que o conheceram, aqueles cientistas "puros" serão esquecidos, se é que alguma vez foram lembrados fora do círculo estreito dos seus colegas.

Como cidadão, Bento Caraça, teve sempre a visão lúcida dos problemas do seu tempo, ga-

(Continua na pág. 32)

ESFERA

cansado e os seus pensamentos vagos, eram bem o reflexo do seu cansaço.

O comboio corria, corria. Si cuidia ti Antão que nem pensamentos tinha mais. Tinha sono.

Também, havia-lhe passado tanta coisa pela cabeça!

Começara a fechar os olhos e a ficar indefinida. Estamos no e distante! Mais nítida quando de dezembro e as sacudidas do comboio ainda que seria oportuno faziam abrir os olhos e quando em quando.

Não resistiu muito tempo. Adormeceu e ficou jogado no canto ainda mais lasso do que antes. Antes era só o corpo e agora era o corpo e eram os sentidos que ficaram como se fossem feitos de luzes e sem uma coisa sem valor, jogados no banco de pau do vagão terceira.

O sono dominara-o. Ti Antão dos pinheiros armaram um presepe e tocaram canções antigas. Devia ser assim há 100 e há 200 anos. A neve completa a decoração e a velhice das casas e das igrejas nos transporta ao passado.

Quem conhece a Bahia ou Ouro Preto pode imaginar o interior das catedrais, a riqueza dos dourados e o brilho dos lustres. Praga é mais barroca do que gótica, embora erga torres agudas construídas por arquitetos franceses. A influência alemã predominou e a cidade é sólida e pesada. No Natal as



Mulheres em trajes regionais numa reverencia de Natal.

ESFERA

a Tchechoslovaquia

ZORA SELJAN

ESFERA pediu-lhe para contar a coisa da Eutia Inocência a ficar indefinida. Estamos no e distante! Mais nítida quando de dezembro e as sacudidas do comboio ainda que seria oportuno faziam abrir os olhos e quando em quando.

Eu estava em Praga... para contar a coisa da Eutia Inocência a ficar indefinida. Estamos no e distante! Mais nítida quando de dezembro e as sacudidas do comboio ainda que seria oportuno faziam abrir os olhos e quando em quando.

legria à longa noite hiberna. Ao lado dos pinheiros armaram um presepe e tocaram canções antigas. Devia ser assim há 100 e há 200 anos. A neve completa a decoração e a velhice das casas e das igrejas nos transporta ao passado.

Quem conhece a Bahia ou Ouro Preto pode imaginar o interior das catedrais, a riqueza dos dourados e o brilho dos lustres. Praga é mais barroca do que gótica, embora erga torres agudas construídas por arquitetos franceses. A influência alemã predominou e a cidade é sólida e pesada. No Natal as



Uma das belas Catedrais de Praga.

igrejas deslumbram. Os presepes armados dentro das naves suntuosas são de uma ternura indescritível. Linhos e crivos cobrem os altares, jóias preciosas adornam os santos de madeira. Os vasos de cristal da Bohémia, com os seus bordados delicados faiscam como diamantes. E' grande a variedade dos mosaicos nas paredes ou nas calçadas. Tudo é esculpido, pintado ou bordado, até a frente das casas, a madeira dos móveis, o couro dos biombo.

Eu vi a França paralisada por causa da greve, agora vejo a Tchechoslováquia descansando pelo Natal. A atividade social parou por 4 dias. O comércio fechou, os partidos políticos não funcionam, as repartições públicas estão em férias, as escolas, os museus, os cafés e os restaurantes. Nos hotéis o serviço é reduzido e o transporte também.

Antes do dia 24 as casas comerciais tiveram um movimento febril. Venderam tudo com uma rapidez espantosa. As coisas expostas nas vitrines eram substituídas várias vezes por dia. As casas especializadas venderam brinquedos mecanizados, locomotivas enormes, carros, motores para a criança armar e que funcionam, fábricas em miniatura, aparelhamento químico que possibilita 100 reações diferentes, material de desenho, coleções de tacos de madeira que se transformam em casinhas do tamanho de uma guarita de cachorro, e sobretudo bonecas vestidas como as camponesas ou como as duquesas.

(Continua na pág. 33)

13

Zeza

CARAÇA
DELGADO OLIVEIRA

Conto de Joaquim Tenreiro

Tia Inocência nunca mais tivera sossêgo, depois que a desavergonhada da Mona lhe jogara no rosto, aos gritos, de janela para janela, que a sua Zeza lá em Lisboa, era uma mulher de todos, uma mulher da vida fácil.

Desde aquela hora o seu coração de mãe ficara amargurado. Tudo o que a Mona lhe dissera juntava-se em seu pensamento e sentia que todo o mal viera, depois que a filha fôra para Lisboa.

Penitenciava-se de a ter deixado ir e castigava-se como se fôsse ela a culpada de tudo.

Na angústia daquela revelação, a imagem da sua Zeza era mais nítida.

E a sua Zeza era tão linda!... Lembrava-se dela pequenina, depois aos dez, aos doze e aos dezessete anos, quando fôra com a família do farmacêutico.

Depois que aquela mulher má lhe dissera aos gritos, com tanto ódio, tudo aquilo da sua filha, nem tinha coragem de andar na rua. Nunca sentira tanta vergonha. Nunca vivera tão humilhada!

Mentalmente, recapitulava as razões por que deixara ir a sua filha, para fora do seu convívio. Por vezes tinha a sensação de que tôda aquela história que a Mona lhe jogara ao rosto era mentira.

Sentira até por instantes o gozo de uma calúnia daquela mulher má. Durara pouco êsse gozo. A sua idade já não lhe permitia ficar muito tempo fora da realidade. Vinha-lhe então o arrependimento de ter consentido... mas a Zeza tinha ido com gente de confiança — pensava.

A pensar na Zeza, ficava imóvel, olhar parado, movimentos presos, estáticos, como se fôsse de pedra. Quando se movia parecia sonâmbula. Via a Mona na sua frente, braços abertos, carantonha de ódio, a gritar tudo

aquilo da Zeza, para quem quis ouvir. Não lhe saía dos sentidos aquela infelicidade, a má sorte da sua filha. Não sabia que mal fizera a Deus para ser castigada assim. A sua filha também era boa, não merecia aquilo.

O coração apertava-se-lhe cada vez mais e a vida começava a afigurar-se-lhe impossível.

Durante dias e dias as lágrimas não deixaram de lhe correr resto abaixo.

Mas aquilo tudo não podia continuar assim. Pedira ao marido para ir a Lisboa. Era preciso. Quem sabe se tudo aquilo era uma calúnia? A Mona era capaz de tudo.

Ti Antão é que estava indeciso. Não podia conceber sua ida a Lisboa. Lisboa era para homens com experiência. Ele nunca saíra dali, senão quando foi para soldado. Tinha até medo. Ouvira tanta coisa de Lisboa, tantos horrores!

Tia Inocência insistia, era preciso esclarecer. Aquela desgraça e aquela dúvida eram insupportáveis.

Ele não tivera outro remédio. Partira para a capital.

Na ausência de Ti Antão, ela ficara mais triste, mais só, mais sonâmbula.

Aquela tia Inocência era a oposta da outra de outrora, alegre, sempre a cantar.

Ti Antão partira. Tomara o comboio e se jogara num canto do vagão, tão lasso, que até parecia um saco de lã de tosquia. Os pensamentos, porém, não podiam ficar assim, lassos como seus músculos. Eles iam mais rápidos que o comboio. Iam a Lisboa, à rua que não conhecia, à Zeza dos homens todos que chegassem. A Zeza, igual àquelas mulheres que conhecera em rapaz, quando fôra ser soldado em Vizeu.

Nem queria lembrar-se mais daqueles tempos. Sentia até re-

ção para o patrimônio científico da Humanidade.

Bento Caraça teve a consciência dessas condições próprias do meio em que tinha de tuar e, como sempre, essa consciência determinou a sua atitude: embora dotado de raras qualidades de investigador, criticou as contribuições oriundas que possivelmente poderiam dar à Matemática, e dedicou-se acima de tudo a uma

holística obra pedagógica — no campo científico — e a uma não menos valiosa obra de direção — no campo da cultura geral. Atitude clara e consciente, ao serviço das urgentes necessidades do povo português. Anta, sacudia o corpo de ti Antão, mas seus pensamentos eram fixos.

Dos olhos de ti Antão não corriam lágrimas como das da tia Inocência. Nos olhos de ti Antão sentia-se uma angústia dolorosa, uma imensa amargura! Amargura dupla! Amargura centralizada no seu peito de pai, acumulada da dor da sua mulher e da desgraça da sua Zeza.

O comboio corria, corria. Corria sempre no mesmo sentido. Corria para Lisboa.

Os pensamentos de ti Antão não tinham um só rumo. Ora seguiam a mesma direção do comboio, mais rápidos, e encontravam uma rua, rua vaga, indefinida, onde não via a Zeza, onde a rua e a Zeza se dissipavam, como se não fossem deste mundo.

Ora giravam sobre si mesmos e voltavam à aldeia, à sua Inocência.

No canto do vagão da terceira, ti Antão estava como se aquele comboio o levasse para as entranhas da terra. A aldeia e a tia Inocência já as não via e tentava localizá-las para lá dum pico do monte, que se via longe. Localizava-as segundo seus cálculos e vontade, ora para a esquerda, ora para a direita, como se estivesse em jogo de cabra cega, e não fosse capaz de as encontrar.

Por momentos estremeceu, teve a impressão de que não voltaria mais. Não veria mais a sua Inocência, a aldeia.

Aqueles dias todos, tinham sido amargos. Ti Antão estava

cansado e os seus pensamentos, vagos, eram bem o reflexo do seu cansaço.

O comboio corria, corria. Sacudia ti Antão que nem pensamentos tinha mais. Tinha sono.

Também, havia-lhe passado tanta coisa pela cabeça!

Começara a fechar os olhos e tia Inocência a ficar indefinida e distante! Mais nítida quando as sacudidas do comboio ainda lhe faziam abrir os olhos de quando em quando.

Não resistiu muito tempo. Adormeceu e ficou jogado no canto ainda mais lasso do que antes. Antes era só o corpo. Agora era o corpo e eram os sentidos que ficaram como se fôsem uma coisa sem valor, jogada no banco de pau do vagão de terceira.

O sono dominara-o. Ti Antão já inconsciente esticou as pernas. Fez um gesto com os lábios, como se fôsse um boi a ruminar. Dentro de pouco era todo sono profundo. Dentro de pouco, a contração dos músculos do rosto transformavam-lhe a fisionomia.

Para quem observasse, aquele ar risonho e um sorriso leve de vez em quando a princípio e logo depois já mais triste, podia não saber o que êle sonhava, mas sabia com certeza que sonhava alguma coisa agradável no começo e triste para o fim.

Aquele sonho transportava-o a trinta anos mais novo. Naquele sonho namorava a sua Inocência, enquanto jogava péla na praça, a conversar com ela nos intervalos, encostados aos portais das casas em volta.

Fôra um tempo feliz aquele. Fôra feliz na realidade, mas ali naquele sonho, aquele tempo estava sendo alterado, para que êle sofresse mais, como se já não lhe bastasse o sofrimento daqueles últimos dias.

Naquele sonho tinha ciumes da sua mulher. Naquele sonho, o seu melhor amigo, o Crespo, era seu rival. Passava na sua frente como se êle nem fosse um homem. Estava ao seu alcance e não podia agarrar, esmagá-lo, mostrar-lhe que Inocência ia ser sua.

No escuro daquele vagão da terceira, ti Antão baralhava aquele sonho. As cenas sucediam-se e iam de umas às outras, sem transição, como a coisa mais natural do mundo. Via o Messias, pelas casas de comércio, de loja em loja, revoltado contra tudo. Contra os ricos por serem ricos. Ninguém tinha êsse direito. Contra os pobres por serem pobres de espírito, por não compreenderem que deviam lutar contra a miséria em que viviam. Via o Messias quando tumultuava a aldeia.

Às vezes, era o Messias, outras vezes não. Não sabia quem era o outro. O outro parecia um parvo a fazer confusão, a querer parecer o Messias.

Êle agora concordava com o Messias. Agora estava ao seu lado contra a Guarda Republicana. Ti Antão mal teve tempo de fugir. A Guarda Republicana quase o pegava!

Era assim mesmo. O Messias era um doido. Para quê, êle se metera com o Messias?

O apito agudo, fortíssimo, da

(Cont. na pág. 32)





Saudação de Natal, Estilo Russo

Marc Chagall — 1939

Tambem Falarei De Natal

ENEIDA



Naturalmente não vou ficar, como num conto de Gorki, menino pobre e triste, olhando pela vidraça a belíssima árvore de Natal na casa do rico, enquanto a neve cai. Aliás, essa imagem vive muito em cartões postais, com pequenas modificações nalguns outros escritores, com neve ou sem neve, e até mesmo em certos filmes exibindo menininhos precoces.

Tambem não preciso interrogar como o velho Machado de Assis: "mudaria o Natal ou mudei eu?" O melhor que dele sinto é vê-lo, sempre, todos os anos, desde o início: começo o meu Natal quando as casas de comércio iniciam, timidamente, a exposição de seus pinheiros e surge o primeiro papai Noel ainda deslocado, ainda muito antecipado, com vergonha de chegar antes do tempo. E vou até o dia 25 olhando a gente que compra, comprando tambem — por que não? — Mas sempre olhando mais do que comprando. Vejo os meninos que se extasiam diante das lojas de brinquedos, as mães — muitas vezes sem paciência — querendo que eles não sintam o fascínio de uma grande bicicleta, ou o poder eletrizante de um automóvel tão bonito que até parece de gente grande.

Não afirmarei que as crianças de hoje, tão sabidas, creiam na existência de papai Noel. Não creio que as crianças de meu tempo tambem tivessem essa ilusão. Posso assegurar que nunca a tive, mas assegurar tambem que sempre a cultivei. Tão bom ganhar brinquedos, ganhar coisas, comer passas, figos, nozes, um célebre peru, recheado com castanhas que ficou muito marcado na minha vida e a árvore cheia de bolas e de velinhas... Perdoai, mas escrevendo assim, quando as palavras saem, tambem saem números. Brinquedos, preço; castanhas, figos, passas, peru, preços, preços, preços. "Não sei onde vou buscar dinheiro p'ro

Natai". "Tambem vou comprar na loja, mas p'ra comer, enquanto os sinos tocam, talvez, martelando, talvez, martelando."

Impossível e cinco de dezembro, ano porque a ternura humana palavra com estes aguçados cadores de nova guerra

Impossível americanos chamam as árvores de Natal, as coisas estranhas com pequenas lâmpadas que acendem e apagam, com bolas de matéria plástica e — isso eles jamais deixariam de fazer — instalaram o "nylon" na mangueira e em tudo que diz respeito ao vinte e cinco de dezembro, dia da ternura humana. Ternura sim, se bem que ela tambem pareça mentira, numa hora destas.

Perdoai, ainda que numa crônica saia tanta amargura quando há tanta beleza a ser vivida. Afinal quando disse que falaria de Natal não prometi "noites claras" porque sempre chove em dezembro, não prometi "um suave rumor de preces e hinos". Cada um de nós vive o seu Natal não olhando pelas vidraças da casa do menino rico porque já sabemos demais a história triste do menino pobre.

O Natal mudou e mudou muito, o mundo tambem, tambem eu mudei e mudei muito.

E agora meu voto: para todos e para mim que venham outros Natais com problemas menores, com maior alegria, onde a palavra confraternização tenha vida ampla e profunda.



Natal

MAURA DE SENA PEREIRA



A estrêla, com suas cinco pontas de ouro, vindo-se pela parede como se atravessasse um pedaço do céu, era o que mais me encantava na grande festa do templo. Sobre o pinheiro alto, e cintilava ao lado do púlpito, pesado de enfeites, havia, também, uma estrêla. Mas aquela outra, móvel e miraculosa, me parecia a própria estrêla que guiara os reis sábios até a mangedoura Belém.

Em segundo plano, estava, para a minha noção, o hino cantado pelas crianças. Dando voltas em torno da árvore, já agora toda iluminada, entoávamos, ao som do órgão, as estrofes memorativas do "Nasce Jesús".

Sim, era belo. Mas era belo, sobretudo, porque eu participava da festa com o meu vestido novo, feito pelos dedos de fada de minha mãe; e, com fitas novas na cintura e nos cabelos, recitara, havia pouco, no púlpito enfeitado de dalias e rosas ilhoas, versos consagrados à doçura da noite cristã. Belo, sobretudo, porque eu ganhara de meu pai uma boneca e, em casa, me esperavam castanhas e amêndoas, passas e nozes. Porque negros e duros bagós pendiam em grandes cachos da parreira do quintal e, à nossa mesa, rodeada de meninos e ornada de botões colhidos na jarra verde da minha roseira, haviam sido servidas, no repasto festivo daquele dia, aves recheadas e tortas que eram "poemas de ovos e de frutas".

Havia, portanto, olhos para seguirem com ternura a trajetória da estrêla na festa cristã e lábios felizes para entoarem o hino do natal.

Tôdas aquelas reações de menina, eu as revivo quando vão chegando êstes dias de dezembro. Os natais da infância, com castanhas e estrêlas, ficaram sendo a raiz e a seiva dos natais adultos, enriquecendo de sentido, compreensão e amor o natal de cada ano.

Sem dúvida, a data grandiosa vai aos poucos se desatando de sua intenção primitiva de homenagem a um só menino, embora se trate do que ia chamar-se o Filho do Homem, do que ia ser o Rabí da Galiléia, para se tornar um símbolo de fraternidade humana e, por excelência, a festa dos lares e das crianças.

Das crianças. E é então, que, mais do que nunca, o espetáculo da desigualdade é chocante e os quadros da miséria se recortam em toda a sua brutal realidade.

E' então que, mais do que nunca, nos enternecem as crianças abandonadas, os meninos que dormem ao relento, os anjos que enchem as ruas no colo das mães sem teto. Os filhos daquelas que esperam, nas dolorosas filas do natal, a compaixão dos homens, a sobra dos ricos. Os pequenos seres humanos que trabalham de sol a sol, os meninos vagabundos e os

que moram nas casas de lata dos morros ou nos buracos escuros das vilas dos párias. As crianças judiadas, as pretinhas que vendem lapis ou pedem esmola, os filhos dos encarcerados. E todos aqueles que, como a pequena Miriam, que morreu tuberculosa, como toda a sua pobre família, vivem sonhando com uma fatia de pão. E todos aqueles que, como o meu varonil amiguinho Dante, querem crescer depressa, para a mãe doente não mais trabalhar. Todos aqueles que têm velhos e cansados os corações, que são, no entanto, novos como rebentos.

Porque, para todos êles, para todas essas incontáveis legiões de anjos, não existe o natal.



Q.C.

ELA ERA DOCE E HUMILDE

FEODOR DOSTOIEVSKI

Xilos de ALDO BONADEI

Tradução de WALDEMAR CAVALCANTI



PLANOS E MAIS PLANOS

Qual de nós dois começou, então?

Ninguém. Tudo tinha começado no primeiro momento. Eu disse que a havia levado para minha casa à força. Entretanto, imediatamente me tornei afável. Quando ainda eramos apenas noivos eu lhe explicara que ela teria de incumbir-se de receber os objetos empenhados e pagar as somas correspondentes. Então, ela não objetara nada (note-se bem). Pelo contrário: pusera-se a trabalhar com afinco. Para dizer a verdade, a casa, o mobiliário, tudo ficara como antes. A casa tinha 2 peças: uma, a grande sala, onde estava instalado o escritório, e a outra, bastante grande também, que nos servia de quarto de dormir, com uma cama comum. O meu mobiliário nada tinha de apreciável; o das tias era melhor. O ícone com a lamparina estava na sala onde fora instalado o escritório. No quarto havia um armário com alguns livros e uma mala cuja chave guardava comigo; e ainda uma cama, mesas e cadeiras.

Tinha prevenido minha noiva de que para a nossa manutenção quer dizer, para a minha alimentação, a dela e a de Lukéria, que eu contratara, daria um rublo por dia, nada mais.

— Quanto a mim — disse-lhe — preciso juntar trinta mil rublos em três anos; do contrário não se pode chamar a isto ganhar dinheiro.

Ela não me fez a menor objeção, mas eu mesmo tomei a iniciativa de reservar mais trinta copeques para as despesas da casa. Havia também o teatro. Eu tinha dito a minha noiva que não haveria teatro. Contudo, resolvi que teríamos teatro uma vez por mês, e isto com uma certa decência: iríamos para as poltronas. Fomos juntos, três vezes, assistimos à representação de *O Caminho da Felicidade* e *Os Pássaros Canoros*, se não me engano. Mas isto não tem importância, não vale nada. Iamos ao teatro em silêncio e voltávamos em silêncio. Por que desde o primeiro dia resolvemos conservar-nos calados? Entretanto, a princípio não brigamos.

Nos primeiros tempos não brigamos, e no entanto reinava o silêncio. Ela tinha sempre, lembro-me bem, um modo de me olhar por baixo das sobrancelhas. Quando reparei nisso, fiquei ainda mais calado. Na verdade, era eu quem teimava em manter o silêncio. Da parte dela houve explosões, uma ou duas vezes. Ela atirou-se a mim para me beijar. Como se tratava de manifestações mortíferas, histéricas, e eu tinha necessidade de uma felicidade estável, por uma questão de respeito a ela mesma, acolhi-as friamente. Sim, e tinha razão: depois dessas explosões, o dia era todo de brigas.

Quer dizer, repito, que entre nós nunca houve brigas, mas silêncio, e uma atitude cada vez mais insolente. Revolta e insubordinação — eis o que era; aenas não passava disto. Sim, aquela doce fisionomia ia tomando um ar cada vez mais antipático. Acreditam nisso?

Ela embirrou comigo. Tive oportunidade de perceber isso. Nos seus acessos não há dúvida de que ficava fora de si. Depois, quando sai da lama, de semelhante miséria, pode alguém lamentar-se por ter de esfregar o soalho, ou queixar-se da sua pobreza?! Note-se bem que aquilo não era pobreza, mas economia. Em alguns casos, havia até luxo: nas roupas brancas, por exemplo, havia asseio. Sempre acreditei, antes disso, que o asseio do homem devia lisonjear

a mulher. De resto, ela não se queixava da pobreza, mas do ter razão para proceder dessa que considerava a minha "economia de palitos". "Ela deve maneira — dizia ela consigo mesma — "é um homem sensato".

De repente, ela não quis mais ir ao teatro. E o seu ricto irônico tornou-se cada vez mais acentuado. Por minha vez, eu me tornei cada vez mais silencioso.

Devo desculpá-lo? O mais grave era esta casa de penhores. Deixem-me dizer: sabia que uma mulher, sobretudo aos dezesseis anos de idade, deve obedecer ao marido. As mulheres não têm personalidade — eis aí um axioma, e hoje mesmo, ainda hoje mesmo, isto é para mim um axioma!

Que importa o que está ali na sala? A verdade é a verdade, e o próprio Stuart Mill nada pode contra ela! Uma mulher que ama, sim, uma mulher que ama adora até mesmo os vícios, até mesmo as torturas que lhe inflige o ser amado. No entanto, o ser amado não pede para os seus defeitos tanta indulgência quanto ela demonstra. É uma prova de generosidade, mas reflete a falta de personalidade. A impersonalidade, eis o que perde as mulheres, isto é só isto. E que importa, repito, o que me mostram estar ali sobre a mesa?! Será uma prova de personalidade o que ali jaz sobre a mesa? Eh! Eh!

Ouçam: eu estava então convencido de que ela me amava. Não se jogara pouco antes ao meu pescoço? Ela me amava, portanto. Ou melhor, ela queria amar-me. Sim, era bem isto; ela queria amar-me, procurava amar-me. E o mais importante é que não havia nenhuma dessas torturas que ela precisasse justificar.

Vocês dizem: agiota, e toda gente o repete. Mas que importa que eu seja um agiota? Isto significa apenas que o mais generoso dos homens foi um agiota. Reparem, amigos leitores, há idéias... Quer dizer: certas idéias, reparem bem, ao serem expressas por palavras, revelam uma espantosa estupidez. A gente sente até vergonha de si mesmo. Acabo de dizer "o mais

generoso dos homens". Parece ridículo, e no entanto é isso mesmo... Porque é a verdade, a mais rigorosa verdade!

Sim, estava no meu direito tentar então ver-me livre de apuros, instalando uma casa de penhores. Vocês me desprezaram, vocês homens, quero dizer, vocês me abandonaram com o seu silêncio desdenhoso. Aos ímpetos apaixonados que me impeliavam para vocês, vocês responderam com uma ofensa que não poderei esquecer nunca. Portanto, eu tinha o direito de me defender, levantando um muro em redor de mim, tinha o direito de juntar trinta mil rublos e ir acabar os meus dias em qualquer recanto da Criméia, no sul, nas colinas cobertas de vinhedos, no pedaço de terra comprado com aqueles trinta mil rublos, e sobretudo, longe de vocês todos, mas sem ódios conservando o meu ideal no fundo da alma, em companhia de minha querida mulher, com os filhos que Deus me desse, e fazendo tudo para ajudar o meu semelhante".

Para dizer a verdade, é bem melhor que só agora eu confesse tudo isto a mim mesmo. Porque se eu lhe fosse dizer tudo isto em voz alta, não poderia haver coisa mais ridícula. Esta é a razão daquele orgulhoso silêncio. Ademais, que poderia ela compreender de tudo isso? Dezesseis anos — o desabrochar da mocidade! Sim, teria ela podido compreender as minhas razões, os meus sofrimentos? Um caráter ainda inteiriço, a ignorância da vida, e, além disso, as convicções fáceis, peculiares à juventude, a cegueira "das belas almas" e, sobretudo, a casa de penhores — e era o bastante! Mas seria eu então um agiota feroz? Não verificara ela como eu agira no seu caso, como a explorara? Ah! que coisa terrível neste mundo é a verdade! Esta pérola, esta delicada Krotkaia, era um tirano, o intolerável tirano de minha alma: era o meu carrasco! Sim, eu estaria mentindo se não o dissesse! Julgam que eu não a amava? Quem pode dizer que eu não a amava?

Compreendam, é uma ironia, uma perversa ironia do destino e da natureza! Nós somos malditos, a vida dos homens em geral é maldita (e a minha vida em particular).

Compreendo agora que me enganei num ponto. Qualquer coisa não se passou como seria de desejar. Era tudo muito claro, meu plano era puro como o dia: "Ele é severo, orgulhoso, despreza o consolo alheio, sofre em silêncio". Era assim, não estou mentindo! Logo ela descobrirá por si mesma, que eu era assim por uma questão de nobreza de alma, que não percebera — e quando o descobrir, afinal, terá de apreciar-me dez vezes mais e cairá de joelhos, de mãos postas." Era este o meu plano. Mas esqueci qualquer coisa, ou perdi de vista qualquer coisa. Houve uma coisa qualquer que não soube fazer.

Basta, basta! A quem irei agora pedir perdão? Está tudo acabado, tudo! Homem audaz, sê orgulhoso! Não és o culpado!...

Pois bem, direi a verdade, não tenho medo de encarar a verdade: a culpada é ela — ela!

V

KROTKAIA REVOLTA-SE

As brigas tiveram início quando ela começou, de repente, a pagar quanto queria, oferecendo pelos objetos somas superiores ao seu valor intrínseco. Por duas vezes, até, julgou-se com o direito de discutir comigo esses assuntos. Não concordei com ela. Foi então que ocorreu a história da mulher do capitão...

Uma velha, a mulher do capitão, trouxe um medalhão — presente do finado marido. Em resumo, como se vê, uma lembrança. Ofereci-lhe trinta rublos. Ela se pôs a lamentar-se, com uma voz lamurienta, pedindo-nos que ficássemos com o objeto. Ah! é claro que

ficamos com ele! Em breve, ao cabo de cinco dias, ei-la de volta para trocar o medalhão por um bracelete que não valia oito rublos. Não é preciso dizer que recusei o negócio. Pode-se presumir que ela adivinhou qualquer coisa no olhar de minha mulher. Assim, voltou num dia em que não me encontrava em casa e conseguiu trocar o medalhão.

Ao ter conhecimento disso, no mesmo dia, disse algumas breves palavras, mas em tom firme, para que ela o compreendesse... Ela estava sentada na cama, olhando o chão, enquanto alisava o tapete com a ponta da botina do pé direito (gesto que lhe era peculiar). Um sorriso mau crispava-lhe os lábios. Não levantei muito a voz nesse momento. Calmamente a preveni de que o dinheiro era meu, de que tinha o direito de encarar a vida a meu modo e de que, além disso, quando a havia convidado para a minha casa, no escritório, não lhe ocultara nada.

Com efeito, ela não tinha o direito de abandonar o domicílio conjugal. Não ir a parte alguma sem ser em minha companhia — foi isto o que convencionamos, mesmo na época em que éramos noivos. Ela voltou à noite. Não lhe disse nada.

No dia seguinte, saiu, no outro também. Fechei o escritório e fui a casa das tias. Eu rompera todas as nossas relações desde o dia do casamento: elas não vinham a minha casa nem eu ia a casa delas. Soube então que ela não estava em casa dos parentes. As tias ouviram-me com curiosidade, zombando de mim.

— Bem feito! — disseram.

Mas eu já esperava por essas zombarias. Então procurei subornar, por cem rublos, a mais jovem das tias, a solteirona, e lhe entreguei por conta vinte e cinco rublos.

Dois dias depois surge-me ela em minha casa para me dizer: — Há um oficial, o tenente



Iefimovitch, seu antigo colega do regimento, que anda metido no caso.

Fiquei profundamente atemorizado. Iefimovitch fôra quem mais me prejudicara no regimento. Um mês antes tivera o topete de aparecer, por duas vezes, no meu escritório, sob o pretexto de fazer um depósito. Lembrava-me também de que êle começara a pilheiriar com minha mulher. Aproximara-me dele e intimara-o a não pôr mais os pés em minha casa, dada a natureza de nossas relações. Mas eu não tinha nenhuma suspeita e acreditava apenas tratar-se de um grosseirão.

E eis que a tia dela me comunicava agora que êles já se tinham encontrado e que a autora de tôda essa encrenca era uma antiga conhecida das tias, cerca viuva chamada Julia Sannonovna, em outros tempos mulher de um coronel.

— E' a casa dela que sua mulher costuma ir — disse-me a solteirona.

Não me detenho em pormenores. Tive de largar a importância de trezentos rublos. Dois dias depois tudo estava assentado para que eu me pudesse meter no quarto vizinho, com as portas fechadas, e escutar o primeiro encontro que minha mulher devia ter a sós com Iefimovitch. Enquanto isso, verificou-se na véspera, entre mim e minha mulher, uma breve cena, que não deixa de me parecer das mais significativas.

Ela entrou em casa a noite, sentou-se à beira da cama e fitou-me com um olhar trônico, enquanto batia no tapete com a sola da botina. De súbito, ao observá-la melhor, veio-me à cabeça a idéia de que, no curso do último mês, ou melhor, no curso dos últimos quinze dias, ela não era a mesma — ou melhor, de que ela se tornara inteiramente outra. Mostrava-se caprichosa, agressiva, não direi impudente, mas sem vergonha e com certo espírito de revolta. Essa revolta, ela é quem procurava provocá-la. Só não o conseguia em virtude de sua timidez. Quando a timidez chega à revolta, vai além de todos os limites; sente-se logo que é forçada e não conseguirá nunca vencer inteiramente o pudor e a discrição. São mesmo as qualidades desse gênero que por vezes mais nos desconcertam; somos levados a não

acreditar no que vemos. Em compensação, as pessoas depravadas conseguem sempre nos tranquilizar; tornam-se mais ignóbeis sob a aparência do decôro e do bom tom e procuram, por êsse meio, dominar-nos.

— E' verdade — perguntou ela, de súbito, rompendo um silêncio glacial, o olhar cintilante — é verdade que o expulsaram do regimento porque teve medo de bater-se em duelo?

— E' verdade. Os oficiais solicitaram o meu afastamento do exército, embora eu já me houvesse antes afastado.

— Foi expulso por covardia?

— E', consideraram isso covardia. A verdade é que não foi por covardia que me recusei a bater-me em duelo, mas simplesmente porque não me quis submeter a seus hábitos tirânicos nem enviar o meu cartão de visita, uma vez que não me considerava ofendido. Sabe — já não me podia mais conter — que resistir por atos a tôda essa tirania e aceitar as suas consequências é dar prova de mais coragem que bater-se em qualquer duelo?

Não pude deixar de dizer-lhe isso, como se quisesse com essas palavras justificar-me. Era precisamente o que ela queria — esta nova humilhação da minha parte. Teve um sorriso cruel.

— E' verdade que três anos depois andou pelas ruas de São Petersburgo como um vagabundo, pedindo esmolos e forminho, à noite, debaixo das pontes?

— Sim, dormi em albergues noturnos. Depois que deixei o regimento, tive na vida um longo período de vergonha e de miséria, mas não de baixeza moral. Porque eu era o primeiro a lamentar os meus atos. Era tudo miséria de vontade e de inteligência, unicamente provocada pela situação desesperadora. Tudo passou...

— Ah! agora é importante, é um homem rico!

Era ainda, como se vê, uma alusão ao meu negócio de penhores. Mas percebi tudo a tempo. Compreendi que ela desejava obter de minha parte explicações que me humilhassem. Assim, tive o cuidado de evitar essas explicações. Muito a propósito apareceu um cliente, e fui atendê-lo na sala. Ao fim de uma hora, ela se preparou para sair. De repen-

te, postou-se diante de mim e disse:

— A verdade é que não falou nisso tudo antes do nosso casamento.

Não lhe dei resposta. Ela saiu.

No dia seguinte, portanto, eu me encontrava trancado no tal quarto, ansioso por vêr como iria resolver-se o meu destino. Estava com um revólver no bolso. Ela estava sentada perto da mesa, enquanto Iefimovitch se agitava à sua frente. Que aconteceu então? (O que digo não me desonra). Aconteceu exatamente o que eu havia pressentido e suposto, embora não tivesse consciência nem desse pressentimento nem dessa suposição. Não sei se me faço compreender.

Eis o que aconteceu. Ouvi tudo durante uma hora, e durante uma hora assistí ao duelo entre a mais digna e a mais nobre das mulheres e uma criatura estúpida, vaidosa, perversa, de alma baixa e vil. Como é que esta ingênua, esta mulher delicada, tão calada, aprendeu tudo isso? — perguntei espantado, de mim para mim. O mais espirituoso dos atores não poderia imaginar uma tal cena de troças e risos — uma cena em que a virtude manifesta o mais sagrado desprezo pelo vício. E que brio na sua conversa, nas suas menores palavras, que finura em suas respostas, que precisão nos seus julgamentos! Havia nela, ao mesmo tempo, como que uma candura virginal.

Ela ria-se abertamente das declarações de amor, dos gestos e das propostas que êle fazia. Julgando que levaria a efeito um ataque brusco e suspeitando que não lhe resistiriam, Iefimovitch caiu das nuvens. Eu poderia, a princípio, pensar que tudo aquilo fôsse apenas vaidade — “a vaidade de alguém a quem não falta espírito até na devassidão, e que procura valorizá-la”. Mas qual! A verdade resplandecia como o sol e não havia dúvidas a respeito.

O ódio contra mim, simplesmente, um ódio afetado e furioso, é que a tinha levado, por inexperiência, a aceitar aquele encontro. Mas diante da realidade, ela abriu imediatamente os olhos. Queria ofender-me por todos os meios, mas, embora decidida a espojar-se

(Continua na pág. 34)

IPASE

SUAS FINALIDADES - SUAS REALIZAÇÕES

O IPASE é uma instituição do Estado que se destina ao amparo dos Servidores Públicos, dando-lhes uma assistência necessária e extensiva às suas famílias.

Por intermédio dos seus diversos Departamentos, o IPASE, dentro de seus próprios recursos vem irradiando o seu movimento de assistência médico-hospitalar numa obra que dá extraordinário relevo aos seus acensores.

A inauguração do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) para os beneficiários dos serviços públicos marcou o início de um trabalho gigantesco, tido como a maior instituição do gênero, na América do Sul.

Ao lado de um constante e progressivo cuidado mantido por médicos e especialistas de renome nacional nas diversas clínicas do HSE a direção do plano de assistência do IPASE vai estendendo para o interior do País a sua rede de forma a abranger as regiões mais distantes e menos providas de recursos.

E' o próprio Diretor da Divisão de Assistência Médico-Hospitalar, o Dr. Peregrino Junior quem traça de maneira racional um plano de assistência compatível com as reais possibilidades do grande Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado.

Assim, 3 tipos de assistência estão em processo depois de acurados levantamentos estatísticos tendo em vista o número de servidores de cada unidade da Federação.

No primeiro grupo estão as localidades cujo número de servidores varia de 1.000 a 1.900. Neste bloco, estão incluídos 10 Estados (Acre, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás) e o IPASE dará assistência médica, ambulatorial e hospitalar, farmacêutica e dentária.

No segundo grupo estão incluídas as localidades onde existirem de 2.000 a 3.000 segurados (Amazonas, Pará,

Ceará, Pernambuco e Santa Catarina) e o IPASE manterá dois médicos, um clínico e um cirurgião, que atenderão a todos os casos clínicos ocorrentes entre os servidores públicos resolvendo aqueles que estiverem dentro de suas possibilidades materiais e técnicas, encaminhando aos médicos credenciados e aos hospitais que tiverem convênio com a instituição, os que isto exigissem.

E, finalmente, no 3.º grupo, (Bahia, Estado do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul) o IPASE instalará imediatamente um ambulatório em cada Capital e, quando possível, nos principais núcleos de segurados do interior (Santos, Ribeirão Preto, etc.), dando-lhes organização idêntica à que fôr adotada para os ambulatórios da sede.

Ainda uma rede de Sanatórios para uma eficiente assistência aos funcionários tuberculosos completa o grande plano elaborado para o IPASE e que contando com a cooperação de todos os seus quadros dirigentes e profissionais poderá encontrar uma solução adequada e urgente para os milhares de servidores que trabalham em todos os recantos de nossa Pátria.

O Diretor do Departamento de Assistência do IPASE, Dr. Cyro dos Anjos, afirma em seu depoimento sobre “Assistência Médico-Hospitalar no Interior”:

“Com a instalação, que se ultima, dos ambulatórios de Belo Horizonte, Recife, Salvador, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Florianópolis, Belém e Niterói — este último há pouco inaugurado — e com a reforma, em curso, dos ambulatórios de São Paulo, podemos dizer que a assistência médico-hospitalar aos servidores federais que trabalham no interior do país se vai tornando auspiciosa realidade.”

Outro problema que o IPASE vem procurando resolver é o que se relaciona com o atualíssimo problema residencial. Na data do seu 21.º aniversário, em 1.º de Agosto p. f., com a

presença do Sr. Presidente da República, centenas de habitações foram entregues aos seus contribuintes, em Marechal Hermes.

O Departamento de Previdência do IPASE vem, também, intensificando suas atividades. As cifras vêm demonstrando um crescente aumento no volume das apólices emitidas, bem como as vantagens dos seus planos de seguros de vida.

Ao DP cabe amparar a família do funcionário falecido, pagando-lhe mensalmente, e em caráter vitalício, a pensão a que a mesma tiver direito, mais o pecúlio especial e o auxílio para funeral; este, pago imediatamente após a morte do segurado. Além desse seguro social, instituído pelo Decreto-Lei n. 3.347, de 12 de Junho de 1941, obrigatório a todos os servidores do Estado, o D. P., com base nos dispositivos do Decreto-Lei n. 2.863, de 12 de Dezembro de 1940, o qual permitiu, também ao Instituto a adoção de planos de seguro de vida de caráter privado, realizando operações dessa natureza, com os contribuintes obrigatórios do IPASE e, excepcionalmente, com os que percebam seus vencimentos pelos cofres públicos federais, estaduais e municipais, ou ainda, com os segurados de Instituições Paraestatais.

Os serviços do IPASE estão divididos em 5 setores distintos: Presidência, Serviços Gerais de Administração, Departamento de Previdência, Departamento de Assistência e Departamento de Aplicação do Capital. Subordinam-se à Presidência a Procuradoria, a Publicidade e a Inspetoria de Agências, que dirige os Órgãos Locais e as Representações do IPASE em todo o País.

O IPASE atingiu sua maioridade. Vinte e um anos de existência coincidem exatamente com a evolução final de uma instituição administrativa que começa agora a cumprir ampla e exclusivamente suas finalidades precípua.

Salão Nacional de Arte

1948 de Arte

SILVIA

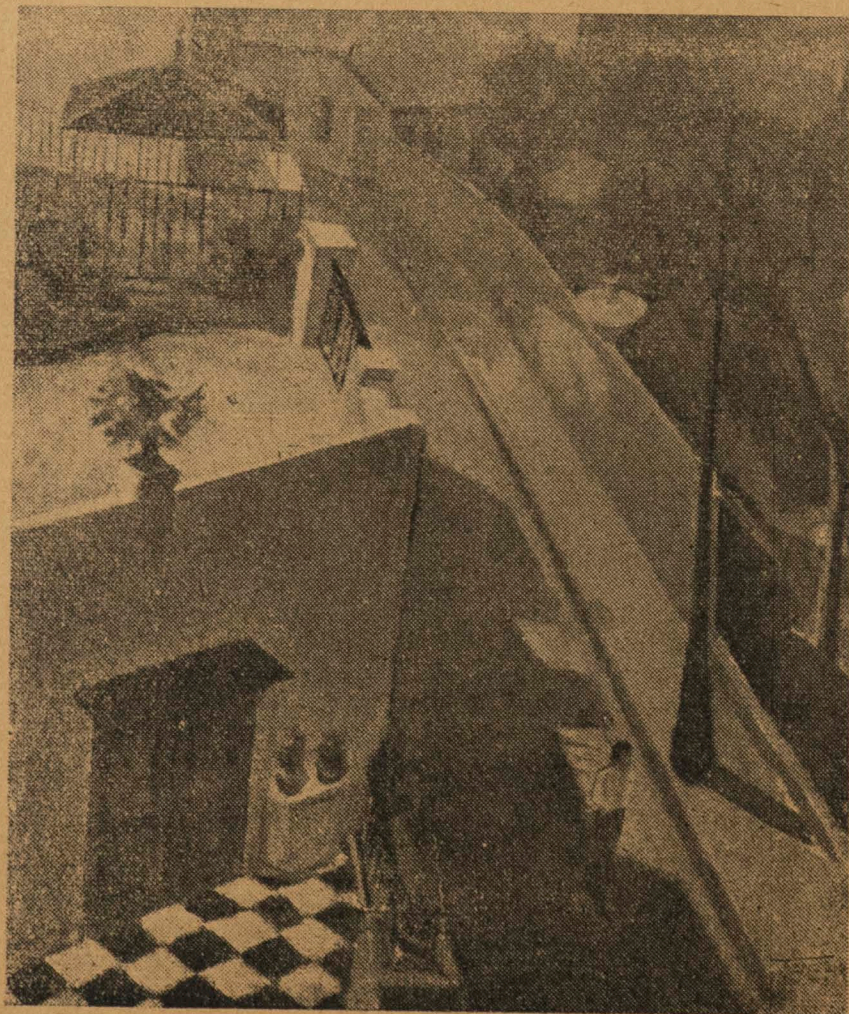
O Salão Nacional de Belas Artes, de 1948, inaugurado quase na terminação do ano, marcou um acontecimento novo em nossa vida artística.

Com um regulamento diferente, mais idealista do que os anteriores, defendendo certamente que a Arte é uma só, ganhamos, sob a direção do dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, uma experiência que pesa, sem a menor dúvida, a favor dos artistas modernos. É a luta entre o passado e o presente, com uma característica interessante, a de se defrontarem duas possantes academias. Sou daqueles que defendem a revolução em arte admitindo a sobrevivência dos que estudam procurando, em caminhos já percorridos e opostos, as suas finalidades essenciais para a realização da obra de arte. Há uma expressão nova para concessões mútuas — o **consenso** dos juristas — no atual salão, modernos ou acadêmicos, e uma relativa libertação para os artistas e jurados dos dois grupos. Gerais, podem evoluir para o chamado "modernismo" e "modernos" moderados podem sentir as consequências de uma sabedoria procurada. O destino da arte brasileira, de qualquer forma permanecerá em constante processo para uma realização efetiva — os autênticos valores que forem surgindo ocuparão o lugar que merecerem.

Anualmente podemos constatar o trabalho de nossos artistas e as suas maiores ou menores possibilidades artístico-plásticas. E também, ter a revelação dos que reaparecem bem sucedidos.

Outro aspecto almejado e em parte atingido é o que de posi-

tivo se alcançou em matéria de confraternização — o salão intermediário (não sei se o termo é bem esse). Gerais e Modernos apreciaram todos os trabalhos. Os gerais chegaram a reconhecer os modernos e distribuíram prêmios. Os modernos também aceitaram al-



"Rua" — de Joaquim Tenreiro

ESFERA

um dos quais fazia um apanhado do que de mais relevante se disse sobre o problema na imprensa portuguesa.

Vou dar-lhes alguns exemplos desta crise. E desculpem vir com números...

A Biblioteca Cosmos, coleção de livros de divulgação cultural publicada debaixo da esclarecidíssima direção do prof. Bento de Jesus Caraça, da Universidade de Lisboa, começou a publicar-se em 1941. As tiragens dos primeiros trinta e seis volumes oscila entre 7.500 exemplares e 17.500, sendo a maior parte 10.000. No vol. 52 cai para 6.000 depois de tiragens de 7.500; mantém-se em 6.000 (com uma exceção de 8.500) até ao volume 113, em 5.000 até ao 130 e os quatro últimos volumes saídos em 4.000 exemplares. Quando o último volume saiu, (volume 144-145) havia falecido o grande orientador desta coleção, nobre figura de cientista e de cidadão querido de todo o povo, o Professor Bento Caraça, e os editores resolveram acabar com a coleção onde tinham saído obras de grande nível, ensaios dos melhores espíritos portugueses, traduções de clássicos, boas obras de vulgarização.

Nela publicou o seu diretor 2 volumes, Conceitos Fundamentais da Matemática, modelos de divulgação científica. Saíram obras de João de Barros, Keil do Amaral, Lopes Graça, Manuel Mèndes, Abel Salazar. A interrupção da publicação priva-nos de obras já anunciadas, entre as quais se contavam ensaios de Mário Dionísio, António Sérgio, Adolfo Casais Monteiro, Paulo Quintela e muitos outros. Uma não será, talvez, nunca mais publicada, e quiçá o seu autor a não tenha podido escrever — é o 3.º volume dos Conceitos Fundamentais da Matemática — e a perda desta obra é uma grave falta. Quem vos escreve viu alunos da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra consultar, e com proveito, os pequenos livros do Prof. Bento Caraça.

Poucos meses antes de morrer o Prof. Caraça, haviam as Edições Cosmos começado a publicação de uma obra em fascículos, "Panorama da Ciência Contemporânea", de Julian Huxley, J. A. Tomson e E. Roy Lankaster, cuja tradução, feita por um grupo de especialistas, era de responsabilidade do referido professor. Este Panorama, verdadeira enciclopédia da ciência moderna, tem-se, felizmente, continuado a publicar; as traduções honram o saber dos cientistas portugueses pela exatidão da tradução, pelas notas com que enriquecem o texto e até pelos desenvolvimentos que por vezes tem sido necessário acrescentar a capítulos já desatualizados, como o referente à Física Atômica, cuja tradução competiu ao Prof. Mário Silva, antigo assistente dos Laboratórios Curie, e antigo diretor do Laboratório de Física da Universidade de Coimbra, donde era catedrático.

Outro exemplo notável da crise do livro em Portugal é a pequena tiragem duma obra tão notável como aquela que João Gaspar Simões dirige para a Editorial Ática, de Lisboa. João Gaspar Simões, conhecido crítico, ensaísta e romancista da geração chamada da Presença, autor de um monumental estudo sobre Eça de Queiroz, organizou um livro subordinado ao título PANORAMA DA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX, em que cada escritor do século XIX é estudado por um escritor contemporâneo. João Gaspar Simões, além da introdução e do trabalho de organização, estuda a obra de Júlio Diniz; José Régio a de Camilo; Mário Dionísio a de Guilherme de Azevedo; etc. Como colaboradores da obra, de que deve estar quasi concluído o primeiro volume, figuram os mais notáveis escritores portugueses. A apresentação da obra, que é publicada em fascículos, é ótima, com muito boas gravuras em madeira de Abel Manta, sem dúvida,

um dos nossos melhores pintores. E embora reputemos o preço de cada fascículo um pouco exagerado (20\$00), o valor da obra justificava uma maior tiragem.

E por hoje aqui me fico. Na próxima carta falar-vos-ei dum romancista, Carlos de Oliveira, e um ensaísta, António José Saraiva.

RUI FEIJÓ

MARIA LAMAS E A MULHER PORTUGUESA

Maria Lamas é um nome feito no jornalismo nacional. Contam-se por 20 os anos gastos a servir objetivos que talvez nem sempre a merecessem. Mas foram anos preciosos, sem dúvida. Anos de experiência e de conhecimento. Anos vividos e provavelmente amargados — anos ganhos.

Altamente dotada e fortemente experimentada, Maria Lamas findos 20 anos de atividade e dedicação, impelida por êsses dotes e servida por tal experiência, pode encontrar o seu caminho — pode encontrar causas para a sua altura e objetivos precisados da sua dedicação e dotes. Esses são, num apontamento breve e abstraindo de outros empreendimentos de circunstância, primeiro, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, cuja vida reanimou e alentou com as forças que teve, e onde em trabalho de equipe — que estabeleceu e orientou — levou a cabo em Lisboa a Grande Exposição de Livros Escritos por Mulheres, — exposição que, representando escritoras de 32 países, despertou as atenções do país pela novidade e seriedade do empreendimento.

Depois, na mesma linha de idéias — no mesmo esforço de contribuir para o esclarecimento e conhecimento do problema social da mulher, empreendeu uma monumental tarefa de inquérito à vida — trabalho, condições, situação, necessidades, aspirações definidas ou indefinidas — da Mulher Portuguesa.

— A mulher, entende Maria Lamas, particularmente a mulher do povo, é um valor desconhecido e anônimo. Urge conhecê-la e ampará-la, desenvolvê-la, libertá-la de artificiosas limitações, dar-lhe consciência, restituí-la à plenitude das suas funções dentro da coletividade.

Por ser mulher? — De modo nenhum. Não há problemas exclusivamente femininos; — como componente do agregado social, como realidade positiva dentro da economia nacional.

Estas são as idéias centrais de uma conferência que fez recentemente no Porto e que intitulou — "Mulheres do Povo, Vidas Anónimas e Heroicas". São as idéias centrais da conferência, dizemos, mas são também um programa de atividade. E' com tão claras como justas e imperativas idéias que Maria Lamas, dedicada e exaustivamente, elabora o inquérito à vida das "Mulheres do Meu País". Do que êsse inquérito representa faz-se uma pequena idéia se soubermos que tudo Maria Lamas tem de observar, esmiuçar, conhecer "in loco". O que a mulher portuguesa faz no campo, na fábrica, no mercado ou na mina; na serra ou à beira mar. Como serve, como operária, como aprendiz, doméstica, mulher a dias, costureira, funcionária ou professora, etc. Como mãe e como companheira e como companheira, sem condições de trabalho, sem estímulo, impelida por prementes necessidades, — tudo Maria Lamas tem de pesquisar e analisar. E' um edifício dominando amplos horizontes que vai construindo desde as mais fundas bases.

ESFERA não pode nesta panorâmica de Portugal passar em claro uma tão expressiva como honesta contribuição para o conhecimento da vida da mulher portuguesa.

A. C. S.

ZEZA

(Conclusão da pág. 15)

sud-expresso de Paris acordou-o. Aquele apito fôra bem em cima dele. Teve a sensação, por instantes, que fôsse a Guarda Republicana, verdadeira. Deu um pulo no banco de pau. Em pouco verificara o que acontecera. Fôra apenas um susto, ao acordar daquele sonho.

Compos-se, apanhou o chapéu que estava caído no chão, encolheu-se no canto e ficou a pensar por que diabos havia agora de ter sonhado tudo aquilo? Estava desnorteado, nem sabia bem quanto demorara aquela trapalhada de sonho. Não podia calcular o tempo, não sabia se faltava muito para chegar a Lisboa.

Encolheu-se ainda mais e pensava — o melhor era esperar que o combóio chegasse.

Às últimas horas, ti Antão parecia sereno. Aquêlê sono no banco de pau recontortara-o um pouco. Os pensamentos já não o deprimiam tanto. O seu coração estava mais conformado.

Vira a noite chegar havia mais de duas horas, quando o combóio chegou à estação do Rossio.

Tudo para ti Antão era novo. Tudo para êle era surpresa.

Apesar da noite, soube que passara num túnel. Já não era o primeiro, mas êste era grande. Parecia-lhe que não saiam mais lá dentro. Quando o combóio saiu do túnel, havia um barulho esquisito. Havia tanta luz, como êle nunca tinha visto. Aquela estação assim tão grande e tão alta, aquele som que tomavam as palavras, pareciam-lhe mais sonho do que o sonho. Já dera umas poucas de voltas a olhar para o ar, para tanta luz, para os letreiros com figuras, aparalhado, como se tudo aquilo fôsse porque estivesse ainda dormindo. O som que havia, parecia o retinir longe de pancadas diferentes em bigornas com sons diversos. Sons com ressonância, como só havia nos ribeiros perto dos poços apertados entre as encostas da serra. Aquelas luzes eram tantas como nem a igreja da sua terra, nunca tivera em dias de grandes festas.

Tudo aquilo para ti Antão era um deslumbramento. Foi andando devagar, aturdido, e demorou muito a sair. Na rua ainda mais aumentou a sua confusão. A cidade abafava-o. Aquelas ruas largas pareciam-lhe bocas dum inferno. Sentia-se perturbado e sem saber o que fazer. Sentia-se impotente para tomar uma re-

solução. A cidade era qualquer coisa que lhe fazia medo.

Queria muito à sua Zeza, mas de nada valia ter vindo ali. A êle e à sua inocência, só restava amargar por toda a vida aquela infelicidade. Aquela nódoa.

Lisboa afigurava-se-lhe um inferno na terra. As ruas cada vez mais lhe pareciam bocas, bocas enormes, bocas do inferno.

Não seria possível salvar a sua Zeza.

Aquelas ruas, aquelas bocas eram bocas a engolir Zezas.

Salão 1948

(Conclusão da pág. 25)

artista o necessário para as passagens a regiões mais distantes. Zaque Pedro vai poder enriquecer sua palheta com as cores quentes de nossa terra.

José Pancetti conseguiu com os seus belíssimos trabalhos mais uma premiação — a medalha de ouro. O nosso grande paisagista que é ainda um possante dominador de nossas praias e de nossos mares, penetra em todos os mistérios do litoral. Está intacta a sua grande riqueza emocional.

Flory Gama apresentou trabalhos que convenceram ao júri da geral. Foi uma oportunidade dada a um escultor jovem e que poderá aproveitar no estrangeiro uma lição de arte mais em dia.

Outro prêmio de viagem merecido — o de Camargo Freire. O pintor de Campos de Jordão conseguiu afinal um prêmio para ir mais longe em nosso Brasil. Apresentou trabalhos consistentes no Salão deste ano. Sentiu-se que está decidido a conquistar um caminho mais liberado. E vai conseguir bastante se pretender sentir com intensidade o panorama humano. Parece que as montanhas vãs de sua cidade esterilizavam o artista estranho ao calor humano que agora começa revelando.

Sem falar em prêmios voltamos a nossa crônica para alguns casos particulares do Salão.

Inimá é uma das últimas surpresas. Está, como aconteceu a Iberé Camargo, evoluindo rapidamente em suas pesquisas. É um artista que promete muito se continua bem orientado. As suas paisagens são agradáveis e de um belo colorido melancólico. Quando se fala em Inimá, há sempre uma citação de Utrillo. Inimá pre-

cisa trabalhar muito para cair em si mesmo. Libertar sua fatura para dar mais largas à sua sensibilidade.

É um artista com perspectivas enormes. Deve principalmente continuar como aluno de Portinari.

Já tivemos a oportunidade de comentar o caso Djanira, quando a artista realizou sua exposição no Ministério da Educação. Seríamos capazes de criticar o júri deste ano, por não ter dado a medalha de prata a Djanira, mas, consideramos muito mais importante lamentar que os juristas anteriores não o tivessem feito.

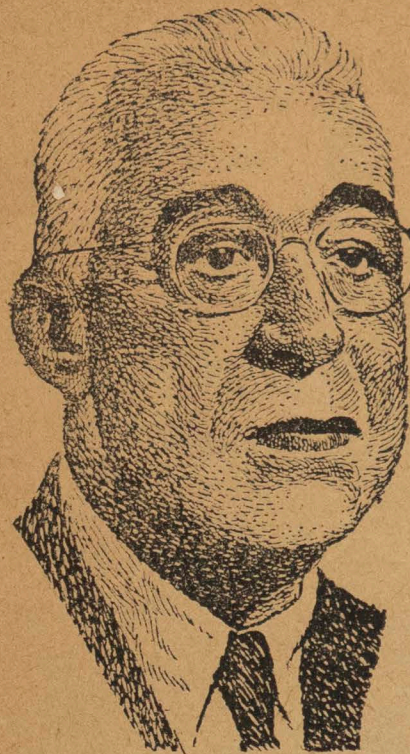
No Salão passado havia um quadro "Patinadores" que perdeu um prêmio fartamente distribuído a artistas fraquíssimos. E antes ainda, não há quem esqueça o "Circo" a "Roda", etc. Djanira antes dos Estados Unidos já possuía as a sua arte instintiva no sentido legítimo da palavra. Com a viagem tomou gosto diferente — preferiu "epater" nas cores mais violentas e extravasou todo o seu mundo imaginário. Na vida e na arte, tem-se a impressão, que Djanira é aquilo que realiza. É o caso impar do Salão e não sei qual a melhor dádiva para um artista — se o conceito do júri que julga pintura ou o do povo que admira uma obra de arte, contra ou a favor.

Djanira ainda não será "hors-concours", é pena, mas deverá continuar lutando por essa condição. A sorte do artista é assim mesmo — muitas vezes resgata o perdido com vantagens bem maiores.

Durval Serra é também daqueles que têm uma personalidade artística afirmada. Perde muitas vezes porque não empresta aos seus personagens uma certa dose de "glamour". "Mulher com criança" é uma prova do que afirmamos. Composição bela em um ambiente rico de nossas velhas cidades (Parati), ao lado de um colorido sombrio e de uma fatura que demonstra como o artista vem trabalhando.

Como dissemos de início, duas academias se defrontam — subprodutos consistentes e belos. Agradáveis, muitas vezes, superando até nas sensibilidades mais instruídas um maior acolhimento do que as autênticas manifestações mais originais e modestas.

Entre os artistas da Divisão Geral, merece destaque Manoel Santiago, que recebendo com



Prof. A. Austregésilo

PATOLOGIA MENTAL —

A. Austregésilo — Editora Guanabara. Com um interessante prefácio do prof. Neves Manta, está enriquecida nossa biblioteca científica com um novo trabalho do prof. A. Austregésilo. Neves Manta diz bem quando inicia seu prefácio: "a incansabilidade intelectual de A. Austregésilo tornou-se proverbial: polígrafo, no sentido exato do vocábulo, o mestre neurólogo tem passeado sua experiência e gênio criador, a sofreguidão espiritual como a cultura humanística, enfim suas tendências literárias ou inclinações filosóficas por sobre todos os setores das ciências objetivas e abstratas, impondo, a golpes firmes e definitivos, uma personalidade".

Realmente, o autor de "Patologia Mental" é um homem de sons claros de uma voz sonora e cristalina anunciam a presença de Portugal. Maria da Luz, que nasceu no Brasil, une duas pátrias, liga duas terras distantes, vive dois mundos e então a saudade que separa dois povos irmãos. Nasceu no Brasil, como cantora popular.

Maria da Luz não tem a história de uma fadista. Possuidora de dotes líricos, sua voz entusiasmou a Diretora do Grupo Musical Feminino do Porto. Maria da Luz não é de Lisboa. Ingressou nesse conjunto de vozes humanas como um de seus melhores elementos e começou sua vida de artista nos concertos do Conservatório de Música, no Gil Vicente, (Palácio de Cristal), na Camara e inaugurou a Emissora Nacional do Norte. Suas glórias estão ligadas ao Grupo Musical, viajando para Londres, tomando parte no concurso Internacional de Llangollew e conquistando um 4.º prêmio com as 30 vozes privilegiadas que o integram. Maria da Luz, era Bemvida Maria, artista antes de profissional.



Maria da Luz, coração de Portugal

MARIA CLARA

Sua história é bem simples. Desde criança desejava vir ao Brasil e quando aqui chegou não teve a menor surpresa — conhecia e amava esta terra desde os seus sonhos infantis. A avenida Rio Branco parecia sua velha conhecida.

Começou sua carreira no Brasil, ainda em viagem. Organizou a festa da passagem do Equador.

Chegando a São Paulo foi convidada para cantar na festa do tenor português Luiz Picarra, no Teatro Colombo. Num dos intervalos Maria da Luz estava sendo contratada para uma temporada na Radio América, que valeu uma segunda na Radio Tupi, onde ganhou o "slogan" que ainda é a sua característica: Maria da Luz, coração de Portugal. Vencidos os primeiros contratos surgiram outros. A cantora que não tinha a

menor experiência radiofônica foi para o Sul, convidada pela Radio Farroupilha. Três temporadas consecutivas firmaram seu conceito na capital do Sul. Cantou em Pelotas, visitou Rio Grande. No Sul realizou festas de arte — foi homenageada pelo Exército que lhe ofertou um cartão de ouro. Cantou em presídios, cantou nas Igrejas.

Remava para o Sul, veio o contrato para Buenos Aires. Preferiu voltar e cantar na cidade maravilhosa. Agora, todos a escutam num dos grandes programas de música portuguesa, na Rádio Nacional. Canções e fados — peças harmoniosas do folclore de sua pátria.

Maria da Luz, é um rouxinol, que esvoaça por sua terra, evocando sempre o que a saudade pede: Saudades de Portugal.

ZEZA

(Conclusão da pág. 15)

sud-expresso de Paris acordou-o. Aquele apito fôra bem em cima dele. Teve a sensação, por instantes, que fôsse a Guarda Republicana, verdadeira. Deu um pulo no banco de pau. Em pouco verificara o que acontecera. Fôra apenas um susto, ao acordar daquele sonho.

Compos-se, apanhou o chapéu que estava caído no chão, encolheu-se no canto e ficou a pensar por que diabos havia agora de ter sonhado tudo aquilo? Estava desnorteado, nem sabia

quando em lugar de arder; a lenha fumegava e, nas dependências da casa, penetravam golfadas de ar glacial. O criado que acompanhara Ruster, ainda não tinha regressado. A cozinheira chorava e as criadas brigavam umas com as outras. De repente, Liliécrona reparou que não tinham posto no pátio o molho de trigo para os pássaros e queixou-se amargamente daquelas mulheres, que esqueciam as tradições antigas e não tinham coração.

Mas tôdas compreenderam que, muito mais do que nos pássaros, era no jovem Ruster que êle pensava, arrependido de o ter deixado partir na Noite de Natal. Meteu-se no seu quarto, fechando a porta, e ouviram-no tocar no violino árias estranhas, como nos tempos passados, quando sentia a casa estreita demais para êle; árias cheias de provocação e de mofo, plena de torturante nostalgia.

A mulher pensava: "Amanhã ir-se-á embora, se Deus

solução. E aqui está como a nossa lta de hospitalidade produziu desgraça que tanto queria evitar!"

Entretanto, o jovem Ruster orria sob a tempestade. Anou de porta em porta, pedindo trabalho, mas não foi recebido em parte alguma. Nem quer o convidaram a descer o trenó. Uns tinham a casa cheia de convidados; outros tinham de passar a noite em casa de pessoas amigas. Poderiam suportá-lo durante alguns dias, em outras ocasiões, mas não numa noite de Natal.

Em todo o ano não há senão uma e as crianças preparam-se desde o outono para a gozar. Como sentar aquele homem à mesma mesa que as crianças? E agora, que deu para beber, não sabiam onde alojá-lo. O quarto dos criados não era suficientemente bom para êle e o dos hóspedes era-o demasiado. E Ruster continuava o seu caminho, açoitado pelos turbilhões de neve. O bigode, molhado, caía-lhe tristemente e os olhos injetados já não viam; mas, pouco a pouco, os vapores da aguardente que tinha bebido, dissiparam-se.

Admirado do que lhe sucedia, começou por perguntar a si mesmo qual seria a razão disto. Seria possível que ninguém tivesse querido recebê-lo? E, de repente, viu-se a si mesmo; viu-se tal qual era; rebaixado, uma verdadeira ruína, um miserável, que ninguém acolhia de boa vontade.

— Acabou-se tudo — disse. — Nem música para copiar, nem árias de flauta! Ninguém

sa trabalhar muito para cair a si mesmo. Libertar sua farrapa para dar mais largas à sua insubordinação.

É um artista com perspectivas enormes. Deve principalmente continuar como aluno de Portinari.

Já tivemos a oportunidade de comentar o caso Djanira, quando a artista realizou sua posição no Ministério da Educação. Seríamos capazes de criticar o júri deste ano, por o ter dado a medalha de prata a Djanira, mas, consideramos muito mais importante pensar que os juristas anteriores não o tivessem feito.

No Salão passado havia um quadro "Patinadores" que perdia um prêmio fartamente disputado a artistas fraquíssimos. E antes ainda, não há em esqueça o "Circo" a toda", etc. Djanira antes dos Unidos já possuía as suas arte instintiva no sentido legítimo da palavra, em a viagem tomou gosto diferente — preferiu "epater" as cores mais violentas e extravasar todo o seu mundo imaginário. Na vida e na arte, vive-se a impressão, que Djanira é aquilo que realiza. É o caso impar do Salão e não qual a melhor dádiva para um artista — se o conceido júri que julga pintura ou do povo que admira uma obra de arte, contra ou a favor.

Djanira ainda não será "hors-concours", é pena, mas verá continuar lutando por sua condição. A sorte do artista é assim mesmo — muitas vezes resgata o perdido com tagens bem maiores. Durval Serra é também da-



Prof. A. Austregésilo

PATOLOGIA MENTAL —

A. Austregésilo — Editora Guanabara. Com um interessante prefácio do prof. Neves Manta, está enriquecida nossa biblioteca científica com um novo trabalho do prof. A. Austregésilo. Neves Manta diz bem quando inicia seu prefácio: "a incansabilidade intelectual de A. Austregésilo tornou-se proverbial: polígrafo, no sentido exato do vocábulo, o mestre neurólogo tem passado sua experiência e gênio criador, a sofreguidão espiritual como a cultura humanística, enfim suas tendências literárias ou inclinações filosóficas por sobre todos os setores das cincias objetivas e abstratas, impondo, a golpes firmes e definitivos, uma personalidade".

Realmente, o autor de "Patologia Mental" dominou totalmente sua especialidade — a Psiquiatria. Há uma capacidade de compreensão da criatura humana em seus estados de morbidez mental que faz de sua obra um repositório de conhecimentos acessíveis e definitivos. Num linguajar claro e simples, sem perder as suas características de escritor, Austregésilo, impõe-se como um mestre ao alcance dos jovens médicos estudiosos.

Com este trabalho a cultura brasileira evolui em seu desenvolvimento progressivo.

RIO DO SONO — José Godoy Garcia — Edição da Bolsa de Publicações Hugo de

LIVROS

Carvalho Ramos — Goiaz — 1948. "Rio do Sono" é um livro que nos envia José Godoy Garcia, um daqueles meninos poetas de Goiaz que tanto brilharam no II Congresso Brasileiro de Escritores.

O livro é cheio de fraternidade e audácia, cantando as coisas simples da terra e as verdades novas do mundo.

A poesia do livro é real, pura e funda como a água de um rio. Porque, não há, apenas, uma mensagem nas quase duzentas páginas do volume: há, também e sobretudo, poesia, poesia rebentando como seiva de cada verso.

POEMAS DO MEIO DIA —

Maura de Sena Pereira — Editor V. P. Brumlik — Iniciando uma nova coletânea, com o título de "Poesia Moderna" Vitor Brumlik continua o seu infatigável trabalho de realizar obras originais. É uma nova série de poemas, em manuscrito, heliografado, com encadernação chinesa, dese-

nhos originais para o encanto dos bibliógrafos brasileiros.

Maura de Sena Pereira, poetisa de Santa Catarina, reúne nesse primeiro volume uma seleção admirável. Poemas líricos ou de revelação universalista, a autora nesse pequeno volume que Campofiorito ilustrou revela a sua condição de escritora humana em sua exaltação poética.



Maura de Sena Pereira

Leiam Breve

Dragão do Mar

A história de um herói da ralé que lutou contra um IMPÉRIO

LIVRO DE

EDMAR MOREL



Capital e Reserva, mais de Cr\$ 12.000.000,00

Séde: RIO DE JANEIRO

Rua da Assembléia, 72, 5.º pavimento

Sucursal: S. PAULO

Rua Barão de Paranapiacaba, 24 — 6.º andar

FOGO — TRANSPORTES — AUTOMOVEL — RESPONSABILIDADE CIVIL — AERONAUTICOS — ACIDENTES DE... TRABALHO e ACIDENTES PESSOAIS



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

MOMENTO FEMININO —
Jornal Feminino dirigido pela
dra. Arcelina M. Gotto. Núme-
ro especial do II Congresso Inter-
nacional de Mulheres, patrocina-
do pela Federação Democrática
Internacional de Mulheres, em
Budapeste, Hungria, com a pre-
sença de delegadas de 56 países.

SUL — Revista do Círculo de
Arte Moderna — n.º 6 — Flo-
rianópolis — Santa Catarina —

QUILOMBO — N.º 1 — Sob
a direção de Abdias Nascimento,
saiu finalmente o jornal que de
há muito estava faltando, para
"altivamente", como diz seu di-

retor, divulgar a "vida, os pro-
blemas e as aspirações do ne-
gro". Colaboram neste núme-
ro: Nelson Rodrigues, Abdias
Nascimento, Raquel de Queiroz,
Francisco de Assis Barbosa, Edi-
son Carneiro, Haroldo Costa, Gil-
berto Freire e outros.

CLÁ — N.º 5 — Mais um
número da revista cearense diri-
gida por Fran Martins, Aluisio
Medeiros e outros jovens escri-
tores do Ceará. Um número
bem apresentado e com excelen-
te colaboração.

Notas

Os intelectuais do Rio, reuni-
dos na ABDE (Associação Brasi-
leira de Escritores), estão reali-
zando como acontece em quasi
todos os países, um movimento
intenso pela Paz.

Registramos com jubilo o ma-
nifesto que teve larga repercus-
são em nossa imprensa.

Uma enorme comissão de Ar-
tistas Plásticos, reunidos no Sa-
lão Nacional de Belas Artes está
elaborando também um mani-
festo pela Paz.

A "Revista de Poesia", que
com tanta simpatia está sendo
editada em São Paulo, publicou
em seu último número, 5 poe-
mas de Anibal Machado.

Pela primeira vez, o grande
escritor aparece com sua obra
poética.

É dessa coletânea a "Última
Carta de Pero Vaz", que Poty
ilustrou especialmente para ES-
FERA.

O hospede da...

(Continua na pág. 21)

esfregavam-lhe os dedos enre-
gelados e saudações de boas-
vindas zuniam-lhe aos ouvidos.
Sentiu-se tão atordoado que
demorou pelo menos um quar-
to de hora a reconhecer que se
encontrava em casa dos Lilié-
crona.

O criado, cansado de correr
duma herdade para a outra, de-
baixo da tempestade, havia de-
cidido regressar à casa.

Mas muito menos compreen-
dia Ruster o acolhimento de
que era alvo. Não ocorreu
que a sua hospedeira, cheia de
compaixão ante a idéia da tris-
te viagem que havia feito e
de que tódas as portas se lhe
tinham fechado naquela noite
de festa, esquecera as suas pró-
prias preocupações.

Liliécrona, sempre metido no
seu quarto, desconhecendo o
regresso de Ruster, continuava
a tocar no violino a sua músic-
a louca e selvagem.

Ruster estava sentado na sa-
la de jantar com as crianças.
Os criados, que costumavam
sentar-se ali na noite de Natal,
tinham ido para a cozinha co-
mo que em busca de um refú-
gio contra o aborrecimento que
nessa noite se apossara dos
seus amos. A mulher de Lilié-
crona aproximou-se de Ruster:

— Meu marido tocará duran-
te toda a noite — disse — e eu te-
nho de tratar da ceia. Os pe-
quenos estão sós. Quer você,
Ruster, tomar conta dos dois
menores?

Ruster não estava habituado
a lidar com crianças. Não as
encontrava nem debaixo das
tendas, nem nas estalagens,
nem nas orgias, nem nos cami-

nhos da boemia. Sentia diante
delas uma grande timidez e
não sabia o que dizer-lhes. Sa-
cou da flauta e deixava-os mex-
er nas chaves e nos buracos.
O menor, que tinha quatro
anos, e o maior, que tinha seis,
receberam a sua primeira lição
de flauta e mostrando-se viva-
mente interessados...

— Este é o dó — disse — e
êste, o ré.

E pegando numa folha de pa-
pel, desenhou as notas.

— Não, não! — exclamaram
êles. — Não é assim que se
escreve dó.

E correram para buscar o al-
fabéto.

Então Ruster fez-lhes per-
guntas acêrca das letras. Sa-
biam umas, mas ignoravam ou-
tras. Seus conhecimentos não
eram ainda muito extensos.
Ruster, interessado no caso,
sentou-os nos joelhos e julgou
de seu dever completar-lhes a
instrução. A mãe ia e vinha
da cozinha para a sala de jan-
tar, e escutava cheia de surpre-
sa. Os pequenos riam, repe-
tindo docilmente o abecedário.

Mas, pouco a pouco, a atenção
de Ruster fatigou-se, a alegria
desvaneceu-se-lhe e as idéias,
que se tinham agitado dentro
dele sob a tempestade, vieram-
lhe à mente. Sim, tudo aquilo
era bom e encantador, mas
passageiro; nem por isso dei-
xara de estar menos acabado e
morto. E, de repente, levou
as mãos à cara e começou a
chorar.

A mulher de Liliécrona acor-
reu solícita:

— Ruster — disse — compre-
endo-o bem; você julga que já
não tem nada a fazer no mun-
do. A música dá pouco e a
aguardente arruína-o. Mas
nem tudo está perdido.

— Oh, sim! — soluçou o jo-
vem flautista.

— Vejamos: não seria me-
lhor que você ensinasse as cri-
anças a ler e a escrever? Fi-
car sentado junto delas como

nesta noite? E quem quisesse
dedicarse a essa tarefa, não se-
ria bem recebido em tôda par-
te? Não são as crianças ins-
trumentos mais sensíveis do
que a flauta e o violino? Olhe
bem para elas, Ruster.

— Não me atrevo, — mur-
murou êle, porque lhe parecia
doloroso contemplar as suas
almas puras através dos seus
formosos olhos.

A mulher de Liliécrona co-
meçou a rir, com um riso fel-
iz e claro.

— Em breve se acostumará,
Ruster. Este ano ficará em
nossa casa como mestre-escola.

Liliécrona, que ouvira a risa-
da, saiu do quarto.

— O que há?

— Não há nada — respon-
deu-lhe a mulher. — Foi Rus-
ter que voltou e já o levei a
comprometer-se a que ensina-
ria as crianças a ler e a escre-
ver.

— Fizeste isso? — disse em
voz baixa — fizeste isso?
Mas, êle prometeu...?

— Não; não prometeu na-
da. Mas compreenderá que é
preciso privar-se de muitas coi-
sas, quando todos os dias a
gente tem de encontrar-se com
os olhos das crianças. Se não
fôsse noite de Natal, talvez eu
tivesse hesitado ou voltado
atrás. Mas, quando Deus não
receu pôr o seu Filho, o seu
próprio Filho, entre nós, peca-
dores, penso que posso dar aos
meus filhos a ocasião de salvar
uma alma.

Liliécrona não respondeu na-
da, mas tódas as rugas do seu
gosto se distenderam e treme-
ram. Inclinou-se para a mu-
lher, pegou-lhe na mão e beijou-a
piedosamente.

Depois gritou:

— Meninos, venham todos
aqui e beijem a mão de sua
mamã.

E em casa de Liliécrona ouviu
uma noite de Natal muito ale-
gre e feliz.

Bento de Jesus Caraça

(conclusão)

nha num esforço, raro entre
nós, de estudo sério e cons-
ciente das ciencias sociais e da
observação científica e portan-
to honesta dos fenômenos so-
ciais — visão lúcida e cons-
ciente que não o levou a um
diletantismo fácil de observa-
dor privilegiado "au dessus de
la "mélée", mas sim, profunda-
mente sério como era, o guiou
numa atitude militante nas fi-
leiras das forças do progresso,
sempre corajosamente tomando
a posição que considerava jus-
ta, fossem quais fossem as
consequências — que muitas
vezes soíreu.

Foi este Homem invulgar
que agora nos deixou! Todos
os que o conheciam ou tinham
lido os seus livros sabem o
muito que ainda havia a espe-
rar dele, da sua inteligência,
da sua atividade, do seu exem-
plo. Na realidade a obra escri-
ta que deixou não é mais do
que uma pálida amostra da
quilo que ainda poderia produ-
zir! Mas a sua ação e o seu
exemplo ficaram a servir de
marcos na longa e difícil estr-
da que trilhamos — a estrada
que conduzirá o povo portu-
guês ao progresso e à felic-
dade.

Bento Caraça deixou-nos,
mas a sua luta abnegada, cons-
tante, tenaz, em prol do povo
português será continuada até
à vitória final.

O cumprimento desta pro-
missa será a única homena-
gem digna da sua vida!

Ela era doce e humilde

(Continuação da pág. 22)

na lama, não podia suportar o
espetáculo de tal desordem.

(Continua no próximo núm.)

A CAPITAL DOS MOVEIS

MOBILIÁRIOS DE TODOS OS ESTILOS
GELADEIRAS E RADIOS DAS MELHORES MARCAS.

J. D. GOLDFELD

Avenida Presidente Vargas, 2109 — Telefone: 43-0319

Avenida Presidente Vargas, 1925 — Telefone: 43-6550

Rua Estacio de Sá, 121 — Telefone: 32-3515

VENDAS À VISTA E A PRAZO
RIO DE JANEIRO

LIVROS E REVISTAS DE PORTUGAL

ENCOMENDAS E PEDIDOS A ELP

Avenida Graça Aranha, 19 — Grupo 301 — RIO DE JANEIRO

NATAL NA TCHECOSLOVAQUIA

(Continuação da 15.^a pág.)

Para a gente grande existe de tudo. O que mais me impressionou foram os lenços pintados, os cristais, as jóias de granadine e os objetos de louça e madeira.

Uma cantora americana que conhece toda a Europa disse-me que a Tchecoslováquia é o único país

onde ela viu coisas realmente baratas. É espantoso o preço das mercadorias.

Nos mais luxuosos hotéis de Praga, um quarto com banheiro e água quente o tempo todo, custa 130 coróas para uma pessoa. Cada refeição nos restaurantes mais caros, bebendo-se cerveja e tomando-se café, depois de comer-se dois pratos enormes e uma sobremesa, nunca vai além de 100 coróas.

Comer-se e viver-se bem em Praga. Não falta nada. O pão é branco e o açúcar ótimo. Embora haja uma relativa fartura, não há desperdício. Tudo é racionado mas a quota de cada pessoa é mais do que suficiente. Basta dizer, para dar uma idéia, que come-se carne duas vezes por dia, na quantidade de um grosso filet e que cada um tem direito a um quilo e meio de açúcar por mês.

Como é Natal o racionamento alargou-se. Nos interiores esta festa se caracteriza pela comilança. Os tchecos além de dotados de um ótimo apetite são bastante gulosos. Estão comendo em louvor do "Menino Deus" e assim passarão três dias. Cantarão canções de natal e ganharão presentes expostos ao redor das árvores armadas nas salas. Esta festa é só para a família e as vezes convidam alguns vizinhos mais íntimos. Como os vizinhos também desejam dar um banquete, combinam que cada dia será em casa de um deles.

A missa do galo é muito concorrida e é dita em várias igrejas.

Existe um costume curioso em Praga. Muitas missas são rezadas à tarde, principalmente às 6 horas. Data este hábito do tempo da ocupação. Os alemães obrigavam os padres a trabalhar aos domingos pela manhã de modo que o papa deu uma autorização especial para realizar-se a missa fora da hora. Hoje não existem mais os nazistas mas o costume ficou.

O Natal é tranquilo e doce em Praga, como se a frase do Senhor a tivesse abençoado: "paz na terra aos homens de boa vontade..."

HENRIQUE LISBOA DE ARAUJO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.^o andar.

Telefone: 23-1064

JOSÉ AURELIANO BOFF

ADVOGADO

Praça Mauá, 7 - 10.^o - s. 1004

Telefone: 43-4787 - Caixa Postal, 717

RIO DE JANEIRO

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.^o - s. 2 — Diariamente,

de 12 às 13 e 16 às 19 horas. Exceto aos sábados.

Fone: 23-1064

RIO DE JANEIRO

Nelson Cardoso de Almeida

PROCURADORIO

Rua Buenos Aires, 150-A 1.-S.4

ESCRITORIO DE ADVOCACIA

SINVAL PALMEIRA

Avenida Rio Branco, 106 — 15.^o andar —

Sala 1512

Telefone: 42-1138

RIO DE JANEIRO

DR. LETELBA RODRIGUES

DE BRITO

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

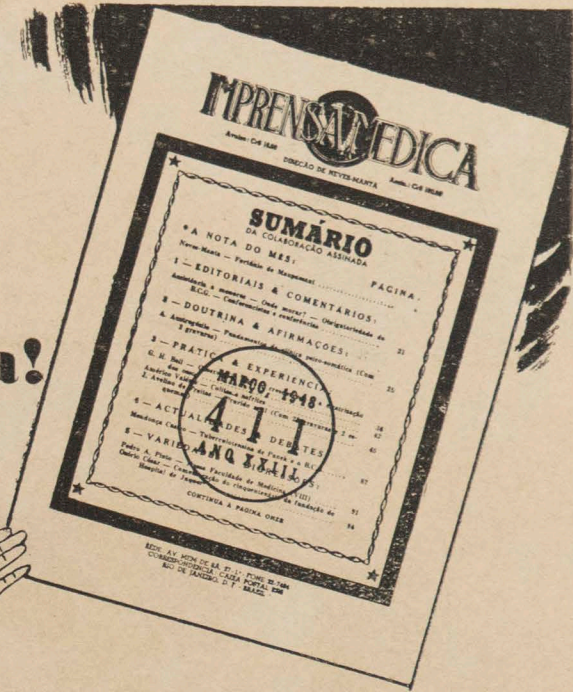
Inscrição n.º 1.302

Travessa do Ouvidor, 32, 2.^o andar

Telefone: 23-4295

RIO DE JANEIRO

24 Anos a Serviço da Medicina e da Farmácia!



Todo mês, qual mensagem de sabedoria, leva "Imprensa Médica" aos mais distantes rincões do Brasil e das Américas o pensamento científico dos mestres da moderna Medicina Brasileira!

E, por isto, consagrada exclusivamente às ciências médica e farmacêutica, em 24 anos de circulação permanente e contínua, atingiu a posição de conceito em que se encontra hoje realmente. Mas, o sólido prestígio de que goza esta revista mensal se deve unicamente à determinação de seu Conselho Científico de só admitir que se publiquem em suas páginas trabalhos de reconhecido mérito. Aparecendo mensalmente com 164 páginas de texto, quase 2.000 páginas por ano, em tamanho 32½ x 24, "Imprensa Médica" além de publicar, em média, todo mês, 15 a 20 artigos originais, fartamente ilustrados com numerosas gravuras elucidativas, insere também o conteúdo de mais de 200 outros, nacionais ou estrangeiros, resumidos ou analisados por especialistas de renome.

"Imprensa Médica" mensalmente é posta à venda nas principais livrarias do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, ao preço de Cr\$ 10,00. Para sua comodidade, remeta-nos, por Vale Postal ou Cheque Bancário pagáveis no Rio, Cr\$ 100,00 e torne-se seu assinante.

TORNE-SE SEU ASSINANTE E RECEBA-A TODO MÊS!

IMPRESA MÉDICA

CAIXA POSTAL N.º 2316
AV. MEM DE SA, 27 - 1.^o
RIO DE JANEIRO, D. F.



RIBEIRO

PRESENTE DE AMIGO

LIVROS PORTUGUESES

LIVROS BRASILEIROS



Festas de Natal, Ano Novo e Reis

Serviço de Reembolso Postal

Avenida Graça Aranha, 19 - Grupo 301

Caixa Postal 2013 - Rio de Janeiro

Empresa de Leitura e Publicidade Limitada